

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Flávia Leme de Siqueira

**A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS
RELAÇÕES FAMILIARES, SOB A ÓTICA DE
ADOLESCENTES**

Taubaté – SP

2019

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Flávia Leme de Siqueira

**A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS
RELAÇÕES FAMILIARES, SOB A ÓTICA DE
ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada à banca examinadora da defesa, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa 1: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Maria Pinto da Costa

Coorientadora: Profa. Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza.

Taubaté – SP

2019

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

S618i Siqueira, Flávia Leme de
A influência da tecnologia nas relações familiares, sob a ótica de adolescentes. / Flávia Leme de Siqueira. – 2019.
93f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.

Orientação: Profa Dra. Letícia Maria Pinto da Costa,
Departamento de Comunicação Social.

Coorientação: Profa. Dra. Marilza Terezinha Soares de
Souza, Departamento de Psicologia.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Relações familiares.
3. Adolescência. 4. Tecnologia. 5. Mídias sociais. I. Título.

CDD – 362.7

FLÁVIA LEME DE SIQUEIRA

A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES, SOB A ÓTICA
DE ADOLESCENTES

Dissertação apresentada à banca examinadora da defesa, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa 1: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

Coorientadora: Profa. Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza.

Data: 02/08/2019

Resultado: aprovado

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) Leticia Maria Pinto da Costa Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Cecilia Lucia de O. Peres Universidade PUC-SP

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Monica Franchi Carnielo Universidade UNITAU

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Marilza Terezinha Soares de Souza Universidade UNITAU

Assinatura _____

“Não importa mais onde está quem dá a ordem – a diferença entre “próximo” e “distante”, ou entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer”

Zygmunt Bauman – 2001

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força e manter minha fé, provando que, apesar de tantos percalços no decurso da vida, estes nunca foram capazes de esmorecer em mim, a garra e a coragem para alcançar Seus planos em minha vida.

Agradeço ao meu pai Romeu, que sempre foi um exemplo de força e honestidade, me proporcionando o maior de todos os ensinamentos, o qual correr atrás do que almejo. Agradeço à minha mãe, Elenice, que, independente de seu pouco tempo próxima à mim, pôde me ensinar todo o essencial para construção de uma mulher confiante e determinada – sua memória será para sempre lembrada! Às minhas amadas irmãs, Fernanda e Fabiana, pela parceria e confiança – o amor de vocês duas, e a fé que sempre depositaram em mim, ajudaram-me a desenvolver a pessoa que sou. Aos cunhados Douglas e Francisco, os quais parte indispensável de nossa família. Também à minha sobrinha Giulia, que despertou em mim um amor antes desconhecido.

Agradeço à minha querida madrastra Glizelda, pelo amor e carinho que nunca deixaram de habitar em seu coração bondoso e abençoado. Você é um presente em nossas vidas.

Agradeço a você, João Neto, meu amado esposo, aquele que Deus escolheu para estar ao meu lado em todos os momentos, e dividir comigo a felicidade de planejar uma família com a chegada de nosso primeiro filho, que será amado e honrado por nós, acima de qualquer coisa.

Ainda, não poderia deixar de agradecer à família de meu esposo, pois vocês tornaram-se, para mim, exemplo de união e cumplicidade. Agradeço ao meu sogro, João Gilberto, que me inspira a querer estudar sempre mais. Minha sogra, Rosângela, que consegue cuidar de tudo e todos, zelando sempre pela harmonia da família. Aos meus cunhados, Ana Carolina, João Gabriel, Rafael, Lucas e Ana Luiza, e concunhados Maurício, Mariana, Tânia, Marina e Glauber, que nessa grande família, tornam minha felicidade completa.

Obrigada às professoras doutoras Letícia, Marilza e Edna, modelos de mulheres, que compartilharam comigo muito mais do que apenas conhecimento, ao participarem da construção da minha identidade profissional. Foi uma honra ser conduzida por vocês!

Meus agradecimentos também às professoras doutoras Ceneide Cervený e Mônica Carnielo, que compuseram a banca e enriqueceram imensamente este trabalho.

Muito obrigada à equipe da secretaria do PPGEDH, Alessandra, Rita, Paula, Isabella, e aos demais estagiários que passaram por lá, e também aos funcionários da PRPPG, que me acolheram em seu cotidiano profissional, me apoiaram, ensinaram e fizeram com que as horas de estágio fossem prazerosas.

Obrigada aos demais professores do PPGEDH, pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula, assim como as contribuições oferecidas nos seminários.

Agradeço aos colegas da minha turma MDH 2017, assim como de outras turmas, que fizeram parte da minha vida durante esses dois anos. Muito obrigada pelas trocas e momentos de descontração!

Agradeço ao colégio SEPP, o qual me concedeu oportunidade para realizar minha pesquisa; e aos alunos participantes, que se dispuseram a contribuir com a ciência em nosso país e, essencialmente, para com este trabalho.

Por fim, meus agradecimentos à Universidade de Taubaté pela bolsa de pesquisa, que proporcionou auxílio fundamental na realização desse sonho.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo identificar como os adolescentes percebem suas relações familiares, e o quanto a tecnologia pode exercer influência sobre essas relações. A formação do indivíduo no contexto atual, de grande influência tecnológica e velocidade da informação, têm gerado hábitos familiares muito divergentes dos encontrados em décadas anteriores. Foi utilizado o método exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, técnica de grupo focal e questionário sociodemográfico. Participaram do estudo 17 adolescentes, com idade entre 13 e 14 anos, estudantes do 8º ano do ensino fundamental de um colégio particular, localizado no interior do estado de São Paulo. O estudo evidenciou, com base nos resultados analisados, que os participantes percebem suas relações familiares de maneira afetuosa, levando em consideração detalhes como pequenos gestos de demonstração de carinho, amor e cuidado, por aqueles com quem convivem. Consideram importante o contato pessoal diário com os pais, mas reconhecem que, na maioria das vezes, a tecnologia exerce considerável influência na relação entre os familiares – sendo o meio de comunicação mais utilizado entre os integrantes da família, substituindo o contato pessoal, pelo contato por meio de mídias sociais e aplicativos.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano. Relações Familiares. Adolescência.

Tecnologia. Mídias Sociais.

ABSTRACT

This study aims to identify how adolescents perceive their family relationships, and how technology can influence these relationships. The formation of the individual in the current context, of great technological influence and speed of information, has generated family habits very different from those found in previous decades. The exploratory and descriptive method was used, with qualitative approach, focus group technique and sociodemographic questionnaire. Seventeen adolescents, aged 13 to 14 years, students of the 8th grade of elementary school of a private school, located in the interior of the state of São Paulo, participated in the study. The study showed, based on the results analyzed, that participants perceive their family relationships in an affectionate manner, taking into account details such as small gestures of affection, love and care, by those with whom they live. They consider daily personal contact with parents important, but recognize that technology often exerts considerable influence on the relationship between family members - being the most used means of communication among family members, replacing personal contact with through social media and apps.

Keywords: Human Development. Family Relationships. Adolescence. Technology.

Social Media.

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

OMS – Organização Mundial da Saúde

SCIELO – Scientific Electronic Library

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos participantes quanto à idade, sexo e composição familiar

Quadro 2 – Distribuição dos participantes quanto à moradia, mesada e pessoas que consideram da família

Quadro 3 – Distribuição dos participantes quanto ao acesso deliberado à internet, eventual supervisão dos pais, e o fato de possuírem smartphone pessoal

Quadro 4 – Como os adolescentes percebem suas relações familiares

Quadro 5 – A presença da tecnologia nas relações familiares de adolescentes

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Pesquisa Panorâmica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Problema	17
1.2 Objetivos	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos	18
1.3 Delimitação do Estudo	18
1.4 Relevância do Estudo / Justificativa	19
1.5 Organização da Pesquisa	20
2 REVISÃO DE LITERATURA	24
2.1 Panorama das Pesquisas sobre relações familiares na adolescência, e a influência da tecnologia nessas relações	22
2.2 As Primeiras Famílias na Sociedade Brasileira	23
2.3 Novos Arranjos Familiares	25
2.4 O Contexto Familiar e sua Influência no Desenvolvimento Humano	27
2.5 A Modernidade e suas Relações Familiares	33
2.6 Adolescência	35
2.7 A Tecnologia Presente na Vida dos Adolescentes	37
3 METODOLOGIA	43
3.1 Tipo de Pesquisa	43
3.2 População / Amostra	43
3.3 Instrumentos	44
3.4 Procedimentos para Coleta de Dados	45
3.5 Procedimentos para Análise de Dados	47
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	48
4.1 Perfil Sociodemográfico dos Participantes	48
4.2 Como os adolescentes percebem suas relações familiares	54
4.3 A Presença da Tecnologia nas Relações Familiares de Adolescentes	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71

APÊNDICE I – Ofício	76
APÊNDICE II – Termo de Autorização	77
APÊNDICE III – Instrumento de Coleta de Dados Qualitativos – Roteiro Grupo Focal	78
APÊNDICE IV – Questionário Sociodemográfico	79
APÊNDICE V – Transcrição da Pesquisa de Campo	80
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	88
ANEXO B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	90
ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP	92

1 INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema da pesquisa deu-se em decorrência da trajetória profissional da pesquisadora, que trabalhou nos últimos 20 anos na área de gestão de pessoas, por meio da liderança de equipes de alta, média e baixa performance, além de consultoria em recursos humanos.

Ao longo de mencionada trajetória, foi possível observar como a formação da identidade está diretamente ligada às experiências da infância e da adolescência, fortemente enraizadas nas questões familiares.

Marques (2016) esclarece que a psique humana permanece em desenvolvimento durante toda vida, adaptando-se às necessidades do dia a dia, uma vez que possui múltiplas inteligências. Essa adaptação, através da qual a psique é modelada diante o contexto vivido, seria considerada uma espécie de educação mental, estimulando-se às mudanças, à aprendizagem e à reaprendizagem, ao equilíbrio entre os hemisférios esquerdo (intelecto) e direito (criativo) do cérebro, e, assim, desenvolvendo, no decurso da vida, as habilidades que se fizerem necessárias para respectiva sobrevivência.

O período de maior influência em sua formação como indivíduo – ao considerar o caráter e as práticas de comportamento durante a vida adulta – é determinado de acordo com os primeiros anos de vida, sendo estes os principais anos de determinado processo.

A formação do caráter humano levará em consideração a primeira infância, idade referencial entre 0 e 7 anos, e após essa idade, a formação tende a consolidar-se frente ao ambiente de convívio até os 14 anos, perdurando durante toda a vida. Os primeiros 14 anos de vida são de extrema importância e podem influenciar nas escolhas do ser humano na fase adulta, compreendendo o amadurecimento do corpo físico e também da formação da personalidade (MARQUES, 2016).

A educação e formação atual do indivíduo tem se moldado, conforme a modernidade existente. Os estímulos e influências recebidas pelas crianças e adolescentes são bastante divergentes das décadas anteriores, oportunamente pela chegada da tecnologia em praticamente todos os lares.

Importante ressaltar que os primeiros estímulos de desenvolvimento no ser humano serão decorrentes de suas relações familiares, pois a família será aquela que construirá sua base de caráter, e os exemplos presenciados no convívio familiar poderão ser reproduzidos na idade adulta, quer de maneira consciente ou não (FACO e MELCHIORI, 2009).

Como parte da história da construção das famílias na sociedade brasileira, já depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos, o povo então passou a assimilar, de maneira impositiva por seu descobridor, um modelo familiar como padrão, o modelo patriarcal, distinto dos diversos modelos familiares encontrados na população indígena, existente no território desbravado quando da chegada dos portugueses (FREYRE, 2003).

Acompanhando todas as mudanças que vêm ocorrendo no mundo, mudaram também as relações familiares, hoje não mais direcionadas por um padrão formatado, as quais aceitas legalmente, porém, nem sempre moralmente pela sociedade (DEL PRIORE, 2005). Cada família traduz e conduz suas condições conforme interesses próprios. Dessa diversidade de contextos familiares hoje existentes na sociedade, deu-se o interesse da pesquisadora pelo tema, a fim de compreender com maior profundidade o que pensam e como se relacionam com seus familiares os adolescentes desta geração.

A proximidade com as mídias sociais e sua intensidade aumenta a cada dia o tempo destinado ao uso da tecnologia, podendo deixar marcas profundas na formação de determinado indivíduo.

Compreendem-se as ferramentas de mídias sociais como sistemas projetados para possibilitar a interação social a partir do compartilhamento e da criação colaborativa de informação, nos mais diversos formatos (MÍDIAS, 2018), uma vez que as mídias sociais inauguram a chamada era pós-digital, na qual a novidade virou *commodity*, e o que fascinava ou amedrontava é lugar-comum. A era pós-digital veio para questionar as velhas certezas e colocar sistemas inteiros de pensamento enraizados no tradicionalismo do avesso. Mais do que aprender coisas novas, é preciso esquecer tudo o que se sabe (LONGO, 2014).

Com a chegada da tecnologia digital e de suas ferramentas de comunicação, altera-se a maneira como se comunicavam as pessoas, deixando a comunicação de ser, em sua maioria pessoal, para abrir portas à interação global e em tempo real.

Dessa forma, adentra aos lares um novo sistema de comunicação, capaz de falar cada vez mais a língua universal digital. Esse novo sistema de comunicação está promovendo não somente a integração global da cultura, produzindo e distribuindo palavras, sons e imagens, como também personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos, moldando a vida e sendo moldado por ela (CASTELLS, 2016).

Sendo assim, buscou-se por meio deste estudo, investigar como os adolescentes percebem suas relações familiares, e o quanto a tecnologia pode exercer influência sobre essas relações.

1.1 Problema

O passar dos anos trouxe uma nova visão sobre as relações na sociedade, incluindo as relações familiares, primeiro núcleo de desenvolvimento humano. Bauman (2001) lembra que a modernidade líquida tem se espelhado aos desejos e concepções de cada indivíduo, não existindo hoje, como há muito existiu, um padrão que norteie as relações familiares – cada família constrói sua concepção, e esta se torna sua referência.

Toda essa modernidade, reforçada com o advento da tecnologia, pela qual poucos se ausentam de mergulhar em suas facilidades, pode ocasionar certa influência nas relações familiares, por meio da mudança de comportamentos dentro dos lares.

Demasiada utilização da tecnologia no cotidiano da população, de certa forma, tem alterado a maneira como acontecem os relacionamentos dentro dos lares, uma vez que os hábitos têm mudado com velocidade tamanha. Os hábitos familiares dessa geração divergem muito dos hábitos das gerações anteriores.

O ambiente vivenciado durante a infância e adolescência, as referências que recebem de pais e responsáveis, terão forte influência nas escolhas e realizações quando adultos (GOLEMAN, 2012).

No anseio de identificar como se relacionam os adolescentes dessa geração com seus familiares, concretizou-se o objeto deste estudo, levando-se em consideração que suas relações familiares hoje poderão, de certa forma, construir as futuras relações familiares que serão encontradas na sociedade em alguns anos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar como os adolescentes percebem suas relações familiares, e o quanto as tecnologias de informação e comunicação (TIC) podem exercer influência sobre essas relações.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o perfil sócio demográfico dos participantes;
- Compreender qual o conceito de família do grupo em questão;
- Identificar como os adolescentes se comunicam com seus pais e responsáveis;
- Verificar qual tecnologia é mais acessada entre os membros da família, e de que maneira isso interfere na comunicação entre eles.

1.3 Delimitação do Estudo

Conceitos mudam ao longo das gerações e, por mais que alguns deles sejam enraizados, como as relações familiares, tema principal deste estudo, sofrem influências externas, provocando transformações na percepção dos membros da família.

É certo que esse acesso à tecnologia informacional e de comunicação não é uniforme em todas as localidades, pois em centros urbanos a conectividade é maior. É esse o limite de atuação desta pesquisa: uma escola privada de ensino fundamental, voltada para alunos filhos de pais que possuem alto poder aquisitivo, o que proporciona maior conectividade com *smartphones* e computadores pessoais.

Optou-se, portanto, pela escolha de um grupo de adolescentes moradores de Jacareí - Região Metropolitana do Vale do Paraíba, estado de São Paulo. A região tem 2,2 milhões de habitantes, o equivalente a 5,5% do total do Estado, e tem um PIB de 45,8 bilhões, sendo 3,7% do total estadual (IBGE, 2016).

Esse município, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, tem população de 211.214 habitantes entre urbanos e rurais, com população estimada para o ano de 2018 em 231.863 habitantes. Possui a taxa de escolarização de crianças com idade entre 6 e 14 anos de 98,3%.

Em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2015, dos anos iniciais do ensino fundamental, a cidade atingiu a pontuação de 6,3 e, nos anos finais, a pontuação de 4,8. No ano de 2017 havia 26.897 matrículas no ensino fundamental.

A rede de ensino do município em questão conta com 89 (oitenta e nove) escolas de ensino fundamental, das quais 40 (quarenta) contemplam o ensino fundamental completo (1º ao 9º ano).

A unidade pesquisada possui aproximadamente 700 alunos, com 40 anos de tradição em educação, do berçário ao ensino médio.

1.4 Relevância do Estudo / Justificativa

Castells (2016) alerta que o valor da pesquisa social não deriva apenas da sua coerência, mas também da sua relevância, e que precisa agregar à sociedade, não somente ao pesquisador.

Neste caso, o trabalho refere-se às relações familiares, sendo possível compreender que essas relações permeiam o ser humano desde o início de sua existência.

Como um dos pilares do desenvolvimento humano, as relações familiares, presentes em todas as sociedades, são um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS, et al., 2003).

A maneira como se relacionam em família é responsável pela formação da identidade de cada indivíduo, juntamente com todas as mudanças que ocorrerem na sociedade em que esse estiver inserido (BAUMAN, 2005).

Em uma pesquisa bibliométrica, por duas plataformas de pesquisa de artigos acadêmicos, SCIELO e periódicos CAPES, foram encontrados 1.158 (um mil cento e cinquenta e oito) artigos em Português, relacionados ao tema “relações familiares”,

no período de 2000 à 2017. Porém, se tratando de pesquisas interessadas em compreender o que pensam os adolescentes sobre mencionado tema, foram encontrados somente 16 (dezesesseis) artigos, referenciando apenas 1,3% (um vírgula três por cento) do total encontrado, evidenciando que estudos sobre o tema relações familiares na adolescência caminham lentamente, frente à velocidade em que se desenvolvem os estudos nessa faixa etária. Somada à velocidade em que as mudanças estão ocorrendo na sociedade, acredita-se que esse tema seja importante e poderá agregar no estudo do desenvolvimento humano.

O crescimento acelerado das tecnologias da informação, especialmente nos últimos 20 anos, acarretou diversas mudanças nos hábitos da sociedade, fazendo-se indispensável às novas práticas cotidianas. Apesar de toda facilidade que tem proporcionado, a base da vida em sociedade ainda está pautada nas relações interpessoais, construídas por meio do sentimento e atitude daqueles que são considerados família.

Em certa camada social, a facilidade de acesso à tecnologia tem dominado o mundo não somente dos adultos, mas principalmente de crianças e adolescentes. Percebe-se ao entorno uma grande massa conectada na maioria de seu tempo. A utilização de aparelhos tecnológicos tomou conta do dia a dia da sociedade, adentrando de maneira abrupta os lares e locais de convívio. Há que se considerar que as relações familiares receberam relativa influência por meio de uma tecnologia desenvolvida para aproximar os distantes, mas que tem de certa forma, afastado quem está perto.

A percepção dos adolescentes sobre o que é família e como ela se constitui poderá ser a base sustentadora na formação de suas próprias convicções e, por consequência, as futuras famílias da sociedade.

Acredita-se que, por meio deste estudo, pais e responsáveis por crianças e adolescentes poderão refletir quanto ao tempo e liberdade de acesso às tecnologias disponíveis.

1.5 Organização da pesquisa

A presente pesquisa organiza-se em capítulos. O primeiro refere-se à introdução, com a apresentação do tema, delimitação do problema, apresentação

dos objetivos, delimitação do estudo e a justificativa do estudo. O segundo capítulo expõe a revisão de literatura, a qual apresenta subcapítulos que são descritas a seguir.

O primeiro subcapítulo apresenta o panorama de pesquisa realizado acerca do descritor relações familiares nas plataformas de dados SCIELO e periódicos CAPES, em que foram selecionadas e analisadas publicações nacionais sobre os temas adolescência e influência da tecnologia, focos deste estudo.

O segundo subcapítulo tem como desígnio estudar o conceito de desenvolvimento humano e a importância da família e suas relações, discorrendo sobre o conceito e parte de suas transformações no decorrer dos anos em nosso país.

No terceiro subcapítulo é abordada a questão da adolescência e o quanto a tecnologia pode influenciar a percepção deste grupo.

O terceiro capítulo abrange os procedimentos metodológicos que embasam a pesquisa

No quarto capítulo são apresentados os resultados obtidos da coleta de dados e discussão, devidamente analisados e discutidos, atrelando com a base teórica apresentada nas seções e subseções anteriores. Esta seção precede as considerações finais, que dão trato conclusivo a este estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para que se possa conhecer e discutir o tema “relações familiares de adolescentes”, o qual objeto desta pesquisa, é necessário que se comece apresentando um panorama de pesquisas, exposição que antecede uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos estruturantes deste estudo, a fim de compreender o que foi disponibilizado sobre o tema até o momento da pesquisa.

2.1 Panorama das pesquisas sobre relações familiares na adolescência e influência da tecnologia nessas relações

O tema relações familiares faz-se de grande interesse ao ser humano, uma vez que a família constitui a base de formação de todo indivíduo. Tanta importância na vida, no cenário científico, não haveria de ser diferente, haja vista o número de estudos relacionados ao tema, porém, na busca, relacionando o tema relações familiares à adolescência este cenário parece ser diferente.

Por meio da busca examinaram-se artigos sobre o tema relações familiares, disponibilizados nas plataformas *Scientific Electronic Library (SciELO)* e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (periódicos CAPES), a fim de compreender como são as relações familiares, em estudos publicados na língua portuguesa.

Em análise preliminar foi possível perceber que a maioria das publicações disponibilizadas nas plataformas referidas (10 artigos dos 23 publicados), os estudos encontrados envolvem algum tipo de violência ou conflito familiar contra crianças e adolescentes, cenário ofensor quanto ao desenvolvimento psicológico do indivíduo.

A violência a que se refere transita entre a agressão verbal e a violência sexual, lados extremos de um mesmo cenário agressor.

Analisando os demais artigos, percebe-se que, somados, consideram os laços positivos das relações familiares, passando pela importância da família no desenvolvimento de crianças e adolescentes (dois estudos sobre o tema), referente,

comunicação em família (um estudo sobre o tema), um estudo sobre formação familiar, um estudo sobre amizade na adolescência e um estudo sobre responsabilidade na adolescência.

Quanto ao tema influência da tecnologia nas relações familiares, somente sete artigos foram encontrados, tema aparentemente ainda pouco explorado por pesquisadores da área.

Tabela 1: Pesquisa Panorâmica - total de artigos científicos publicados para o tema “relações familiares”, relacionados à adolescência e influência da tecnologia, entre 2000-2018.

Tema	2000 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015	2016 a 2018	Total
Violência/ conflito familiar	04	03	01	02	10
Influência da tecnologia nas relações familiares	01	0	04	02	07
Importância da família no desenvolvimento de crianças e adolescentes	0	0	01	01	02
Formação familiar	0	01	0	0	01
Comunicação com adolescentes	01	0	0	0	01
Amizade na adolescência	0	0	01	0	01
Responsabilidade na adolescência	01				01
TOTAL					23

Fonte: elaborada pela autora

Com base na realização desse panorama acerca das pesquisas foi possível constatar a importância da realização de novos estudos sobre relações familiares na adolescência e influência da tecnologia nessas relações, considerando que os resultados das pesquisas são de tamanha importância ao desenvolvimento humano e à tecnologia, tão presente no cotidiano da maioria das famílias brasileiras.

2.2 As primeiras famílias na sociedade brasileira

As primeiras famílias tradicionais, formadas por pai, mãe e filhos, surgiram na sociedade brasileira após a colonização pelos portugueses, praticado como referência no ocidente, o modelo patriarcal.

Quando a sociedade brasileira conseguiu organizar-se econômica e civilmente, em 1632, já depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos, a sociedade então se viu a assimilar um modelo familiar como padrão, o qual modelo patriarcal, distinto dos diversos modelos familiares encontrados na população indígena, existente no território desbravado quando da chegada dos portugueses (FREYRE, 2003). Dessa maneira, definiu-se o modelo patriarcal como modelo tradicional de família na sociedade brasileira.

Em uma sociedade conservadora, escravista e patriarcal, como a brasileira, as mulheres europeias que vinham para o Brasil, com hábitos mais libertos, como ir à rua sem a companhia do marido ou de um irmão, eram mal vistas e chamadas de madames, o que naquela época queria dizer “mulheres da vida” (DEL PRIORE, 2005).

Apesar de todo machismo enaltecido no modelo patriarcal, este se sustentou por ser a estrutura sobre a qual se assentaram todas as sociedades contemporâneas, caracterizado pela autoridade do homem sobre a mulher e os filhos, no âmbito familiar, enraizando-se na estrutura familiar e na reprodução sociobiológica da espécie, trazendo contexto à história e cultura (CASTELLS, 1999).

Para Freyre (2003), o colonizador deste país, aqui chamado de invasor, impõe sua cultura contemporânea ao povo local existente:

(...) no Brasil que é realizada a prova definitiva da aptidão dos portugueses para vida tropical. A base, a agricultura, as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor (FREYRE, 2003, p. 65).

Ao enaltecer a soberania masculina e ao reforçar o modelo patriarcal, a família, ao lado da igreja e da escola, assegurava o trabalho de reprodução da ordem social por meio da experiência da divisão sexual do trabalho e a sua legitimação. Na família, as mulheres continuavam a pensar o trabalho doméstico como uma atividade feminina, a considerar importante não dominar os maridos e mostrar a sua feminilidade sendo simpáticas e meigas. Também dessa forma, a necessidade de diferenciarem-se das mulheres induziu os homens a manifestarem os atributos socialmente definidos da virilidade como coragem e força, perante os outros e eles próprios (BOURDIEU, 1998).

Para Del Priore (2005), os primeiros tempos em nosso país, como é tratado no primeiro capítulo de sua obra, retratam o entendimento e a concepção do amor no Brasil Colônia, sentimento este administrado pela Igreja e pelo Estado de então, com forte apelo ao modelo imposto pelo colonizador português. O amor cortês presente na poesia foi uma maneira encontrada pelas elites cultas do renascimento para driblar a repressão sexual, tanto presente na concepção cristã, do casamento, quanto na hebraica.

Dessa forma, de maneira imposta as primeiras famílias em nossa sociedade formaram-se de maneira mestiça, haja vista a união por parte dos portugueses com as índias locais, e patriarcal, fortalecendo com o passar dos séculos seu formato tradicional.

Mesmo que enraizado, o conceito de família brasileira como patriarcal também recebeu suas críticas, pois segundo Botelho e Ferriani (2004), as ideias de Freyre são reconhecidas como decisivas na configuração do modelo patriarcal da família brasileira, porém, o reposicionamento das pesquisas contemporâneas faz-se em oposição ao retrato da família patriarcal destacado por esses textos prestigiados, ele mantém-se como referência e modelo tradicional, comparado às diversas formações encontradas na atualidade.

2.3 Novos arranjos familiares

Nas últimas décadas novos arranjos familiares são encontrados na sociedade brasileira, haja vista a aceitação por parte da sociedade, pela diversidade de gêneros e liberdade de expressão, que vêm sendo conquistada com tanto sacrifício pelo ser humano.

O número de lares chefiados por mulheres cresce vertiginosamente, promovendo sozinhas o sustento da família e educação dos filhos, mulheres com duplas e até triplas jornadas de trabalho que constroem a si mesmas e às suas concepções sobre o mundo e sobre suas vidas no desempenho diário das funções sociais exigidas pela condição que assumiram (PERUCCHI e BEIRÃO, 2007).

Pesquisas feitas pelo IBGE, no período de 2012-2016 demonstram que o número de lares chefiados por homens foi considerado em declínio pela primeira vez em 2016, segundo o levantamento denominado características gerais dos

moradores, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) contínua. Neste mesmo ano enquanto 2,4 milhões de mulheres passaram a exercer a função de chefes de família no país, 985 mil homens perderam essa função.

Apoiadas na realidade de constituírem sozinhas o sustento do lar, muitas mulheres abdicam do trabalho em maior número, em função do cuidado com os filhos, quando comparada aos homens (GUERINI, et al., 2012).

Novos arranjos familiares vêm se formando, no qual mulheres tentam de maneira desafiadora constituir família com suas companheiras, por meio da maternidade biológica de uma delas, ou processo de maternidade assistida, por meio de novas tecnologias reprodutivas (PONTES, FERRES-CARNEIRO e MAGALHÃES, 2015).

Homens perpassam pela mesma dificuldade, quando o assunto é a constituição de uma família homoparental (PONTES, FERRES-CARNEIRO e MAGALHÃES, 2015).

Para Castells (1999), os movimentos lésbiano e gay são desafios às instituições milenares.

Os movimentos lésbiano e gay não são simples movimentos em defesa do direito humano básico de escolher a quem e como amar. São também expressões poderosas de identidade sexual e, portanto, de libertação sexual (...) desafiando algumas estruturas milenares sobre as quais as sociedades foram historicamente construídas (CASTELLS, 1999, p. 256).

Novas formações familiares, muitas das vezes advindas de divórcios, tendem a trazer adaptações, juntamente aos conflitos existentes em quase toda mudança, principalmente para casais com filhos crianças e adolescentes.

Mosmann, et al (2017) apontam como fatores estressores a adaptabilidade conjugal, aprovação coparental, exposição do filho ao conflito coparental, reforçando que toda intervenção familiar deve atentar para todo o sistema familiar.

Não fosse somente a provável adaptação conturbada para crianças e adolescentes, quando acontece nos lares situação de divórcio ou morte, a ausência de diálogo e apoio para que trabalhem os sentimentos nessa fase, mostra-se prejudicial ao seu desenvolvimento.

A ausência nos lares dos pais, e por consequência a falta de diálogo e pela forma como foram vivenciadas as situações de morte, separação, abandono ou convívio com os familiares por não ser filho biológico de um dos pais, deixa uma

grande lacuna nas relações de confiança, respeito e afeto (BOTELHO e FERRIANI, 2004).

Não obstante ao gênero, as relações familiares são o aporte ao desenvolvimento do ser humano, onde cada núcleo familiar, independentemente de sua formação, hábitos, crenças ou valores, traz consigo o dom de desenvolver no indivíduo grande parte de suas percepções sobre a vida, seu papel no mundo, sua real identidade. A alteração dos arranjos familiares muda inegavelmente suas relações por essência, pois as relações são regidas pelos hábitos cotidianos, aquilo que é construído dia a dia por meio de pequenas atitudes e sentimentos.

Transformações ocorridas na sociedade, na estrutura familiar e a forma como os atuais e jovens pais foram educados podem provocar problemas na educação dos filhos, com iniciação sexual cedo e envolvimento demasiado com drogas (PRATTA e SANTOS, 2007).

Como se comunicam e, por consequência, relacionam-se com familiares, os adolescentes são considerados muito importantes frente a toda mudança ocorrida na sociedade, tendo como referência o papel da mãe como principal responsável pelo cuidado e mediação nas relações familiares, cabendo ao pai lugar periférico (WAGNER, et al., 2002).

2.4 O contexto familiar e sua influência no desenvolvimento humano

A abrangência do tema desenvolvimento humano faz-se cada dia mais complexa, pois dentre todas as formas de vida o ser humano é o único que pode colocar-se no papel de pesquisador e ao mesmo tempo protagonista da descoberta.

Por séculos sua evolução e desenvolvimento vêm sendo estudados, alguns filósofos dos séculos XVII e XVIII já concebiam ideias que influenciariam a psicologia do desenvolvimento. Locke (1632-1704), por exemplo, creditava à estimulação do ambiente toda responsabilidade pela formação da psique, visto que a mente humana seria como um quadro em branco desde o nascimento. Rousseau (1712-1778), por sua vez, acreditava em uma bondade natural da criança e já mostrava a divisão da infância em estágios com características específicas, enfatizando assim a existência de categorias inatas do pensamento, ideia esta que também era defendida por Kant (1724-1804) (ASPESI; DESSEN e CHAGAS, 2005).

Por meio do estudo da psicologia e sua aplicação científica, várias foram as descobertas acerca do desenvolvimento humano, descortinando teorias que por vezes se complementam, por vezes se contradizem, mas em todas encontra-se referência de que o cérebro é capaz de conduzir o restante do corpo, pois trabalha como o comando central das emoções e razões humanas. Uma mente equilibrada é capaz de produzir um corpo equilibrado, impossibilitando o contrário.

Todas as ciências evoluíram a partir da filosofia, e como uma ciência a psicologia pode ser compreendida como uma ponte entre a fisiologia e a filosofia. Enquanto a fisiologia explica e descreve a conformação física do cérebro e seu sistema nervoso, a psicologia procura dar conta dos processos mentais que nele acontecem, como se manifesta o pensamento, discurso e comportamento humano. Enquanto a filosofia preocupa-se com raciocínios e ideias, à psicologia interessa como eles ocorrem e o que dizem sobre o funcionamento da mente (HERMETO e MARTINS, 2012).

O estudo da psicologia permitiu a construção dos estudos sobre desenvolvimento humano, pois o cérebro por meio de sua formação e função, comanda o indivíduo em sua composição total.

Estudar o ser humano como indivíduo, por meio da psicologia, permitiu conhecer como se formam as emoções e comportamentos, identificando um viés extremamente importante ao desenvolvimento humano, a psicologia social, aprofundando os estudos em como se comporta a psique em interação com o outro e seu meio de convívio social (HERMETO e MARTINS, 2012).

Interagir com o mundo que o rodeia é parte essencial ao desenvolvimento do homem, e por mais que existam teorias que contradigam esse cenário, muitas outras serão fortemente enraizadas no contexto de que o ser humano modifica-se em contato com o entorno e, ao mesmo tempo, modifica esse ambiente através de suas ações.

Conforme Koller (2004, p. 53) “as características da pessoa em dado momento de sua vida são uma função conjunta das características individuais e do ambiente ao longo do curso de sua vida naquele dado momento”.

Tudo aquilo que rodeia o ser humano durante sua vida, os ensinamentos constituídos de exemplos, atitudes e principalmente sentimentos transmitidos pelos

pais e responsáveis por seu desenvolvimento, seja de maneira consciente ou não, serão a base de formação desse indivíduo.

Por meio da cultura e de seus hábitos, esses ensinamentos serão transmitidos transpondo gerações, constituindo no decorrer dos anos esse ser humano como indivíduo, mas não de maneira passiva, pois ao desenvolver-se através do contexto, o homem também modifica o meio de convivência com suas ações (MARQUES, 2015).

O processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria-prima fornecida pela cultura não é, pois, um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. Esse processo é, para Vygotsky, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. É como se, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo “tomasse posse” das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e as funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas (OLIVEIRA, 1993, p. 38-39).

A consciência afetiva é formada pelos aspectos emocionais do ser humano, podendo ocasionar repetições de certas emoções, como um modelo organizador da construção interna de significados que formam os modelos mentais, formando assim um estilo de relacionar que pode manter-se ao longo da vida (ASSIS, 2006).

O processo de desenvolvimento do ser humano, marcado por sua inserção em determinado grupo cultural, se dá de fora para dentro. Isto é, primeiramente o indivíduo realiza ações externas, que são interpretadas pelas pessoas ao seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos. A partir dessa interpretação é que será possível ao indivíduo atribuir significados às suas próprias ações e desenvolver processos psicológicos internos que podem ser interpretados por ele próprio, a partir dos mecanismos estabelecidos pelo grupo cultural e compreendido por meio dos códigos compartilhados pelos membros desse grupo (OLIVEIRA, 1993).

Dada a devida importância ao contexto, uma vez que o processo de desenvolvimento acontece de fora para dentro e de dentro para fora, reforçando que tudo o que acontece no entorno de crianças e adolescentes influenciará em seu desenvolvimento como ser humano.

Os sentimentos gerados, ensinamentos e exemplos recebidos em seu meio de convívio serão de extrema importância ao desenvolvimento do ser humano,

assim como mostram estudos e teorias a respeito do assunto, a formação do seu caráter levará em consideração de maneira reforçada a primeira infância, idade referencial entre 0 e 7 anos, e após essa idade, tende a consolidar-se frente ao ambiente de convívio até os 14 anos de idade, segundo Marques (2015).

Os autores Aspesi, Dessen e Chagas (2005), reforçam que em seu livro intitulado *Developmental Science*, que a ciência do desenvolvimento humano seja analisada por meio das teorias sociais, psicológicas e biocomportamentais, propondo a ligação entre os conceitos dessas disciplinas.

Ao reconhecer que o ser humano possui uma natureza interdisciplinar, com os avanços da ciência nas últimas décadas, propõe-se uma visão sistêmica do processo de desenvolvimento, considerando na formação sua composição genética, neural, comportamental e ambiental. Uma nova ciência passa a ser escrita, a ciência do desenvolvimento humano, focalizando no processo evolutivo e considerando-o como um ser biológico inserido em determinado tempo e espaço (DESSEN e GUEDEA, 2005).

O termo ciência do desenvolvimento humano tem sido cada vez mais aceito, usado de maneira ampla para se referir ao conjunto de estudos interdisciplinares sobre esse fenômeno (ASPESI, DESSEN e CHAGAS, 2005).

Ao propor uma nova forma de pensar o desenvolvimento humano, as autoras sugerem a adoção de uma perspectiva denominada como perspectiva do curso de vida, que implica em considerar a trajetória de vida e as mudanças ocorridas nas micro e macroestruturas dos sistemas sociais com os quais convive (DESSEN e GUEDEA, 2005).

As escolhas do ser humano estão diretamente ligadas a liberdade exercida por ele, o que as pessoas podem efetivamente realizar é influenciado pelas oportunidades econômicas, pelas liberdades políticas, pelos poderes sociais e por condições de possibilidade como a boa saúde, a educação básica, e o incentivo e estímulos às suas iniciativas (DEL PRIORE, 2005).

Para Sen (2000), o sucesso de uma sociedade deve ser avaliado pelas liberdades concretas de que gozam seus membros. Quanto maior o poder de liberdade exercida pelo ser humano, seja ela financeira, política ou de educação, maior será ser poder de desenvolvimento.

Tudo aquilo que cerca o indivíduo está diretamente ligado ao seu desenvolvimento como ser humano, a formação de seu caráter e sua identidade, portanto, os processos de socialização e o meio de interação pessoal transformam essência, transformando suas ações e concepções em relação ao mundo.

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN, 2005, p. 19).

Dessa maneira, a família, por ser o primeiro e principal celeiro de desenvolvimento do caráter e comportamento humano, passa ao papel principal desse cenário.

Para Goleman (2012), a aprendizagem emocional inicia-se nos primeiros momentos de vida e perdura até a vida adulta. Todas as interações entre pais e filhos, por menores que sejam, contêm um tema emocional, e a repetição de sua mensagem através dos anos formará na criança seu núcleo de perspectivas e aptidões emocionais.

Em todo grupo familiar encontram-se regras que permeiam o comportamento dos indivíduos nela inseridos. Algumas regras são explícitas e outras implícitas, mas todas essas contribuem para organização desse grupo, tornando possível seu funcionamento (CERVENY, 1994).

As interações pessoais dentro da família e dos diversos ambientes de convivência face a face (como na escola, no clube e posteriormente trabalho) influenciam o desenvolvimento humano, as interações mediadas pelos diversos meios de comunicação também acabam integrando esse desenvolvimento (SANTOS, 2015).

Como um dos pilares do desenvolvimento humano, as relações familiares, presentes em todas as sociedades, são um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadoras principais dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS, et al., 2003).

Segundo Faco e Melchiori (2009), a família representa o espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, local para o exercício da cidadania, possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de

seus membros, independentemente dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que vêm se formando.

A dificuldade em conceituar a família brasileira sempre existiu, uma vez que estudos históricos mostraram que sob essa denominação existe uma pluralidade de composições, incluindo as famílias formadas por laços sanguíneos, relações não formalizadas por parentes, família conjugal e extensa, núcleo doméstico, entre outras (CERVENY, 1994).

Independente de sua formação, a família é reforçada como referência no desenvolvimento humano, tem impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais (DESSEN e POLONIA, 2007). Para Bauman (2005) por meio de suas relações familiares os indivíduos constroem sua identidade, sua forma de reconhecer-se como ser humano e pertencente a um grupo.

Na família, o convívio com avós mostra-se de extrema importância ao adolescente, porém, esse varia de acordo com a proximidade e condições como estado civil dos netos, sexualidade, doenças crônicas dos avós e origem (OLIVEIRA e PINHO, 2013). Estar próximo das gerações anteriores poderá trazer para gerações mais jovens reflexões de vida e amadurecimento.

Tão importante quanto a quantidade de interação entre integrantes da família é a qualidade dessa interação, pois relações familiares conflituosas são danosas ao desenvolvimento e agregam negativamente ao caráter do indivíduo.

Não somente as relações familiares devem ser consideradas no desenvolvimento do indivíduo, mas a qualidade dessas relações, uma vez que relações familiares conflituosas ou pouco afetivas, podem desencadear sintomas depressivos no decorrer da idade adulta (TEODORO, CARDOSO e FREITAS, 2010).

Para Benetti (2006) existe possível associação entre conflito conjugal e adversidade no contexto familiar, com implicações no desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes.

Estressores ou riscos fazem parte de um ambiente de convívio complexo, interligados influenciam o indivíduo, ocasionando problemas futuros de

comportamento, em sua maioria resultantes da combinação de múltiplos fatores (SAPIENZA e PEDROMONICO, 2005).

Adolescentes reproduzem padrões de violência e acabam por manterem relações violentas, mesmo nas experiências sexuais iniciais, reforçando a influência do contexto familiar no desenvolvimento como indivíduo (COSTA, et al., 2017).

A violência contra crianças e adolescentes, principalmente a sexual, compromete seu crescimento e desenvolvimento, reproduzindo sequelas e uma matriz reprodutora inserindo futuros agressores na sociedade (RIBEIRO, FERRIANI e REIS, 2004).

A família e suas relações são o primeiro e principal meio de convívio, desde o nascimento até a vida adulta, independente do contexto. Observar as relações familiares que procedem do contexto histórico atual, de grande influência tecnológica dentro dos lares, será de extrema importância para compreensão do ser humano, como indivíduo, e o que este poderá oferecer ao mundo por meio de suas decisões e ações futuras.

2.5 A modernidade e suas relações familiares

Com o advento das mulheres no mercado de trabalho, o modelo familiar, antes reforçado pelo patriarcalismo herdado de nossa colonização, precisou adaptar-se às necessidades do novo contexto, onde a ausência da mulher nos lares grande parte do dia impossibilitou a continuidade dos hábitos e condições até então determinantes nas famílias existentes.

Para Dubar (2009)

Não se pode separar a questão da emancipação das mulheres das transformações da família. Não se pode dissociar as relações de conjugalidade das relações de parentalidade. A família, no sentido mais corrente, existe “desde que haja filhos”. Ela não é apenas um “nó de relações sexuadas”, é também uma instituição que rege as “relações entre as gerações” (DUBAR, 2009, p. 90).

Conforme Giddens (2000), entre todas as mudanças ocorridas no mundo, nenhuma delas é mais importante do que as ocorrentes na vida pessoal, por meio da sexualidade, relacionamento, casamento e família. O mundo passa por uma

revolução global onde o ser humano tem repensado sobre si mesmo e no modo com forma seus laços e ligações com outros.

Estudos apontam que o trabalho, assim como a família, passou por profundas transformações no último quarto do século passado, em virtude da incorporação das mulheres ao mercado de trabalho, quase sempre fora de seus lares (CASTELLS, 1999).

Vive-se um momento determinante na história, no qual as mudanças na forma de comunicação entre os indivíduos, principalmente dentro das famílias, ocorrem sem precedentes, afetando diretamente a construção da identidade do ser humano, alterando dessa maneira sua essência.

Todas essas mudanças ocorridas nas relações familiares, somadas à tecnologia e seus avanços nos últimos 20 anos, quando o indivíduo passou a expor suas vontades e concepções, recebendo apoio ou não de pessoas por todo o mundo através das redes sociais, reforçando uma condição por muitas vezes negada, a família, em sua formação tradicional, vem perdendo força, dando abertura a novas formatações que hoje diversificam o contexto. A sociedade e suas regras modificam-se em acordo as mudanças ocorridas no tempo, adaptando-se quase que de maneira líquida (BAUMAN, 2001).

Assim como o ser humano, em sua essência, a família também possui capacidade de mudar e adaptar-se às revoluções da sociedade, para que assim se mantenha como estrutura primária de desenvolvimento, independente de seu contexto e condições. Para Dubar (2009), as mudanças familiares ocorridas nas últimas décadas não eximiram o papel dessas em formar e desenvolver o indivíduo; o que mudou foi a maneira como isso vem ocorrendo e, possivelmente, as consequências desse novo formato.

A imersão do indivíduo na tecnologia, por meio das mídias sociais, tem desenvolvido cada vez mais perfis individualistas e imediatistas na sociedade. Pessoas preocupam-se em atender seus anseios, pregando dessa maneira que tudo vale para conseguir o desejado, levando pouco em consideração as consequências que poderão acarretar suas atitudes (GIDDENS, 2000).

A sociedade moderna passa por uma crise do vínculo social, pois o individualismo desenvolvido por anos de evolução pode acarretar em uma sociedade

pouco participativa e tolerante ao próximo, cuidando mais de si própria, com atitudes bem pouco sustentáveis, dificultando os laços familiares (DUBAR, 2009).

Assim como o ser humano, o sistema familiar muda à medida que muda a sociedade, e todos os seus membros podem ser afetados por pressões internas e externas, fazendo que ele se modifique com a finalidade de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros (FACO e MELCHIORI, 2009).

Juntamente às mudanças da sociedade, novas formatações familiares foram surgindo, e com o advento da aceitação desses novos modelos, coube ao poder público iniciar o processo de adequação das leis para que se adaptem e sirvam ao real contexto.

O contexto familiar vem se adaptando às mudanças ocorridas na história, trazendo consigo formações distintas, as quais divergentes, hoje, das formações das décadas anteriores:

Com as mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas ao longo dos tempos, a sociedade está sendo obrigada a reorganizar regras básicas para amparar a nova ordem familiar. No código de 1916, “família legítima” era definida apenas pelo casamento oficial. Em janeiro de 2003, começou a vigorar o Novo Código Civil, que incorporou uma série de novidades, sendo que a definição de família passou a abranger as unidades formadas por casamento, união estável ou comunidade de qualquer genitor e descendentes. Isto significa que o modelo nuclear de família composto por pai, mãe e seus filhos biológicos não é suficiente para a compreensão da nova realidade familiar que incorpora, também, outras pessoas ligadas pela afinidade e pela rede de relações (FACO e MELCHIORI, 2009, p. 122).

2.6 Adolescência

Compreende-se que a psique humana permanece em desenvolvimento durante toda a vida, adaptando-se às necessidades do dia a dia, uma vez que possui Múltiplas Inteligências. É estimulada às mudanças, aprendizagem e reaprendizagem, equilíbrio entre os hemisférios esquerdo (intelecto) e direito (criativo) do cérebro, desenvolvendo no decorrer de sua vida as habilidades que se fizerem necessárias para sobrevivência (MARQUES, 2016). Porém, a formação de sua personalidade levará em consideração de maneira reforçada a primeira infância,

idade referencial entre 0 e 7 anos, e após essa idade, essa formação tende a consolidar-se frente ao ambiente de convívio até os 14 anos.

Os dois primeiros grupos de referência, os quais de 0 aos 7 anos, e dos 8 aos 14 anos de idade, são de extrema importância e possuem relação direta com as escolhas do ser humano em sua idade adulta. Segundo a Teoria dos Setênios, a vida é dividida em ciclos de 7 anos, e cada fase do desenvolvimento humano possui características próprias, sendo as três primeiras, dos 0 aos 21 anos, denominadas setênios do corpo, compreendendo o amadurecimento do corpo físico e também da formação da personalidade (MARQUES, 2015).

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º) – em casos excepcionais e, quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142) (EISENSTEIN, 2005).

Para o psicólogo e educador G. Stanley Hall, em seu livro “*Adolescence*”, de 1904, “adolescente é todo indivíduo com idade entre treze e dezenove anos” (HERMETO; MARTINS, 2012, p. 47). Divergências quanto ao período da adolescência podem ser encontradas entre autores e estatutos.

A adolescência consiste em um período no qual o sistema nervoso central já atua como um sistema adulto, porém, com pouca experiência, o que ocasiona um período de muitos questionamentos e, ao mesmo tempo, necessidade de afirmação quanto à sua identidade. Na adolescência está contida maior força do que necessária à idade e, de certa forma, pouca para a vida adulta que lhe espera (ASPESI; DESSEN e CHAGAS, 2005).

Adolescência é uma fase de emoções intensas, na qual o sujeito está em busca da consolidação da sua própria identidade. Como uma das primeiras manifestações desse processo ocorre o afastamento da família de origem e um maior envolvimento com o grupo de iguais (WAGNER, et al., 2002).

Seja por sua biologia ou por meio dos processos de amadurecimento da mente, a adolescência, desde os primórdios, é um período da vida do ser humano que merece devida atenção, pois sua personalidade ainda está em processo de formação, possibilitando que muito ainda seja trabalhado com facilidade, pois

quando criança o acesso não acontece tão livremente. Compreender que o contexto em que vive a criança e o adolescente pode interferir em sua formação como ser humano faz-se de extrema importância ao entendimento deste estudo, haja vista que os estudos mais profundos, se colocando na posição de que no bebê, ainda em sua formação no ventre materno, inicia a formação da consciência humana, podendo trazer para a vida adulta reflexos de acontecimentos ocorridos antes mesmo do nascimento (PIONTELLI, 1995).

Toda a teoria encontrada pela pesquisadora referente ao tema adolescência reforça o conceito de que suas atitudes e comportamentos reverberam todo o contexto vivido até o momento.

Ao pensar nessa geração de adolescentes, que se vem moldando juntamente ao novo contexto histórico de modernidade líquida, será preciso considerar o que está errado com a sociedade em que vivemos. “É o que essa sociedade deixou de se questionar. É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesma e, portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar e que dirá provar a validade de suas suposições tácitas e declaradas” (BAUMAN, 2001, p. 33).

As situações de conflito que são enfrentadas e consideradas como problema pelos adolescentes são por oposição dos projetos de vida destes (GONÇALVES, et al., 2008).

Quando há geração de um filho neste período de adolescência, a família é o principal suporte na criação juntamente ao adolescente, quando esse não assume por completo o papel de responsável pela criança (MACHADO, MEIRA e MADEIRA, 2003).

Para Bauman (2005, p. 19) “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”.

2.7 A tecnologia presente na vida dos adolescentes

Com o advento da tecnologia na sociedade, mais precisamente nas últimas décadas, com a chegada do computador doméstico, pessoas consideradas comuns passaram a utilizar a tecnologia para auxílio em suas tarefas cotidianas, como

exemplo, deixar de deslocar-se para muitos dos afazeres bancários, ou postar uma carta, utilizando-se do *e-mail*. Entre tantas outras facilidades, a chegada da internet possibilitou mudança em muitos dos hábitos cotidianos, que foram se alterando com o passar dos anos (CASTELLS, 2016).

Junto à internet, a chegada da globalização, e com ela a falta de limites para transmissão da informação, mundialmente e em tempo real.

Segundo Thompson (1998), três tendências foram fundamentais para o intenso desenvolvimento das indústrias da mídia a partir do século XIX: (1) a transformação das instituições da mídia em interesses comerciais de grande escala, (2) a globalização da comunicação e (3) o desenvolvimento das formas de comunicação eletronicamente mediadas.

As mídias sociais têm transmitido todo tipo de informação, independente de sua veracidade, a quem deseje adquirir, sem atentar-se à periculosidade do que transmite.

A sociedade vive a geração *App*, a geração dos aplicativos, e como tal, conectada e informada. Fantástico é viver com tanta rapidez nas comunicações compartilhamento de informações, poder relacionar-se com pessoas do outro lado do mundo com tanta facilidade e em tempo real, fazer uma pesquisa sem precisar ficar horas na biblioteca do colégio, tudo está literalmente na palma da mão (BUFALO, 2018).

Por meio de seus canais, a comunicação, como uma relação bilateral, cria novas tendências e altera a maneira com que as pessoas se comunicam, inundando o mundo virtual com suas microtendências.

As microtendências são padrões comportamentais de um grupo crescente de forte identidade, que tem desejos e anseios não atendidos pelas instituições que deveriam suprir suas necessidades, ganham força por meio do acesso a todo tipo de simpaticante da mesma causa, em qualquer parte do mundo, pois as mais poderosas forças da sociedade são as tendências emergentes e contraintuitivas que estão transformando o futuro bem diante de nossos olhos (PENN, 2008)

A facilidade de acesso e o uso irrestrito da tecnologia têm introduzido novos hábitos na sociedade, alterando em muito as relações pessoais que fazem parte da vida humana, comunicando-se cada vez mais de maneira monológica, sem a necessidade de retorno do outro, produzindo uma comunicação individualizada.

Dessa maneira, “a quantidade de seguidores ou de *likes* tem trazido impacto direto sobre a felicidade: muitas pessoas se consideram importantes e interessantes a partir do seu “sucesso” (aspas do autor) nas redes sociais, o que as impede de refletir se, de fato, o que fazem, ou quem elas são, tem importância real” (BUFALO, 2018, p. 09).

Quando o indivíduo está *online*, os circuitos sociais e emocionais do cérebro são prejudicados, pois esperam interações frente a frente. Olhando nos olhos parte do cérebro está instantaneamente interpretando milhares de mensagens, dizendo o que fazer em seguida para manter a operação de acordo, o que não ocorre pela internet, pois não existe este feedback (GOLEMAN, 2012).

Estudos apontam que o mundo digital provavelmente tem o poder de mudar a estrutura cerebral, sua forma de funcionamento e também a psique, pois mesmo que ainda não se tenha muito estudo dedicado no assunto, o que se encontra descortinado já basta para tal suposição (BUFALO, 2018).

O crescimento das mídias em geral ou indústria das mídias contribuiu para que a comunicação fosse cada vez mais monológica, enquanto a interação face a face e a interação mediada são dialógicas, a interação quase mediada é monológica, isto é, o fluxo da comunicação é predominantemente de sentido único. O leitor de um livro, por exemplo, é principalmente o receptor de uma forma simbólica cujo remetente não exige (e geralmente não recebe) uma resposta direta e imediata (THOMPSON, 1998). Assim acontece com a interação através de aparelhos tecnológicos, sem o contato pessoal.

Segundo Castells (2016), vive-se em um dos raros intervalos na história de quebra de paradigma e transformação cultural.

Meu ponto de partida, e não estou sozinho nesta conjetura, é que no final do século XX vivemos um desses raros intervalos na história. Um intervalo cuja característica é a transformação de nossa “cultura material” pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação (CASTELLS, 2016, p. 87).

Para Giddens (2000) vive-se num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspectos da rotina humana, para bem ou para mal, impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente, mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos.

Tantas são as transformações, não haveria de ser diferente mudar-se a forma de comunicação e, por consequência, a estrutura da vida, uma vez que a comunicação eletrônica instantânea não é apenas um meio pelo qual notícias ou informações são transmitidas mais rapidamente. Sua existência altera a própria estrutura da vida, quer seja rico ou pobre (GIDDENS, 2000).

O processo de mudança é uma via de mão dupla, da mesma forma que o passar do tempo muda a forma de comunicação do ser humano, frente à transformação digital existente o ser humano também é transformado por ela.

Em sua literatura, Castells (2016) alertara para a transformação no processo de comunicação existente:

Além disso, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a interação global da produção e distribuição das palavras, sons e imagens de nossa cultura, como personalizando-as ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela (CASTELLS, 2016, p. 62).

Vive-se hoje na chamada sociedade em rede, na qual o mundo e a vida vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade, por meio das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico, por sua forma de organização em redes, pela flexibilidade e instabilidade do emprego e individualização da mão de obra. Por uma cultura virtual construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado, e pela transformação das bases materiais da vida, do tempo e do espaço (CASTELLS, 1999).

Em contato com a tecnologia, a interação irá acontecer independente de o indivíduo estar ativo ou não; a passividade está distante desse movimento.

(...) o termo interatividade em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. De fato, seria trivial mostrar que um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho (LÉVY, 1999, p. 79).

Por toda essa capacidade de adaptar o ambiente às suas vontades e anseios, diz-se que chegou o tempo de anunciar o fim da definição do ser humano como um ser social, definido por seu lugar na sociedade, determinando comportamentos e ações. No lugar, a combinação da definição estratégica da ação social, que não é orientada por normas sociais, e a defesa dos atores sociais de que sua especificidade cultural e psicológica pode ser encontrada dentro de cada indivíduo, e não mais nas instituições sociais ou em princípios universais (BAUMAN, 2001).

Diferentemente do que é praticado, recomendável seria que a criança nunca, em nenhuma circunstância, navegasse pela internet desacompanhada dos pais ou responsáveis, igualmente aos pré-adolescentes e adolescentes – que se acompanhem os *posts* e mensagens trocadas, levando em consideração que, aos filhos em desenvolvimento, não há privacidade segura (KLINJEY, 2017).

O contexto em que vive e convive o ser humano é responsável por forjar seu caráter e personalidade. Parte da preocupação de especialistas é justamente com a quantidade de tempo destinada à tecnologia por parte da sociedade, em especial as crianças e adolescentes, inocentes aos perigos causados pela má utilização da tecnologia e suas mídias sociais.

O sujeito controla, domina e determina os caminhos da sociedade e da história, através de comandos de computador e de conexões em rede (DIAS e COUTO, 2012).

Onde não se prega o respeito, dificilmente há de ser respeitado, para Klinjey (2017):

Muitos pais, omissos e preguiçosos, têm comprometido fortemente o desenvolvimento emocional de seus filhos. Permitir o uso indiscriminado da *internet* (itálico do autor) é um dos exemplos que termina por provocar prejuízos de todas as ordens – moral e educacional – na vida dos filhos (KLINJEY, 2017 p. 49).

Com certa conivência dos pais ao livre acesso aos *smartphones*, mesmo durante o colégio, professores têm sofrido com a falta de controle desse acesso em sala de aula; além do desperdício de conteúdo da aula, navegam livremente sem a supervisão dos pais. Quando chamados em reuniões presenciais, dizem não fazer ideia do que os filhos acessam, e nem com quem se relacionam pela internet (KLINJEY, 2017).

Muitos dos pais não têm a mínima noção de informática e internet, ficando assim em desvantagem em relação aos adolescentes que, além de dominarem, permanecem livremente navegando sem o devido controle dos pais (SMITH, 2009).

Para Smith (2009), os pais navegam no escuro quando o assunto é segurança dos filhos na internet:

Pais que hoje tenham filhos menores de idade, na faixa de 8 a 17 anos, estão de certo modo no escuro no que tange aos riscos quando os filhos acessam a internet via uma variedade de dispositivos e aplicativos (...)
Cada vez mais jovens ao redor do mundo estão se comunicando on-line e participando de atividades muito arriscadas, como assistir a conteúdo proibido para menores e expor-se a predadores que utilizam a internet como meio de aliciar menores para o sexo e para outros propósitos escusos (SMITH, 2009, p. 23-24).

O mesmo autor reforça que para crianças e adolescentes com acesso à internet, não existe democracia, longe de ser o regime de ditadura, mas o acesso e conteúdo devem ser controlados pelos pais e responsáveis. Distante da invasão de privacidade que pesa aos que assim o fazem, está o zelo por aqueles que amam e que desejam proteger de predadores adultos e perniciosos, tentando molestá-los física e emocionalmente (SMITH, 2009).

Refletir para onde toda essa modernidade levará nossos adolescentes, futuros pais e mães, adultos que serão responsáveis pelas famílias que se formarão num futuro bem próximo, parece necessário, pois suas concepções de hoje poderão influenciar as decisões que tomarão em suas vidas no futuro, e isso permanecerá uma incógnita, principalmente em que medidas estão sendo influenciados pela quantidade de informações a que são submetidos todos os dias.

3 METODOLOGIA

Segundo Gil (1994), define-se *método* como o caminho percorrido para se chegar a determinado fim, e *método científico* como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.

Nesse sentido, “além da capacidade intelectual, é fundamental para qualquer pesquisa a existência de uma sistematização, ou método, que é na verdade o emprego das técnicas mais adequadas para que o pesquisador consiga responder ao seu problema de pesquisa” (SANTOS, 2015, p. 49).

Neste estudo, foi utilizada a metodologia qualitativa.

3.1. Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória, em que são incluídas, neste grupo, as pesquisas que têm por objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população; e exploratória, pois as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato, com abordagem qualitativa, utilizando-se da técnica de grupo focal e questionário sociodemográfico, com abordagem transversal. Quanto à sua natureza, a pesquisa se classifica como uma pesquisa aplicada.

3.2. População / Amostra

A população desta pesquisa trata-se de adolescentes com idade entre 13 e 14 anos, estudantes do ensino fundamental de uma escola particular, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A população pertencente a essa faixa etária na instituição perfazem o total de 40 (quarenta), divididos em duas salas de aula do oitavo ano do ensino médio.

Os participantes pesquisados foram escolhidos levando em consideração que fazem parte de um grupo de alunos com liberdade de acesso as tecnologias, como *smartphones* e computadores pessoais.

Todos os alunos foram convidados a participar da pesquisa de maneira voluntária, porém, a amostra da pesquisa deu-se por adesão, tendo 17 (dezesete) aceites.

3.3. Instrumentos

Os instrumentos de coleta de dados permitem adquirir as informações necessárias para responder às indagações do pesquisador. Neste estudo, foram aplicados dois instrumentos para coleta de dados, sendo um questionário para caracterização sociodemográfica (Apêndice IV) com sete perguntas fechadas e três perguntas abertas, e a utilização de roteiro semiestruturado (Apêndice III), com sete perguntas abertas, na condução da estratégia de abordagem de grupo focal, conduzida em três encontros, com a finalidade de responder às indagações do pesquisador.

Optou-se pela estratégia de grupo focal com roteiro semiestruturado, devido à possibilidade de conduzir os encontros de forma que se pareça com uma conversa, deixando os sujeitos à vontade para expor suas opiniões e pensamentos, garantindo que sejam abordados os assuntos relevantes, e sendo coletadas as informações necessárias para realizar a análise de conteúdo posteriormente.

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagem e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2012).

Acredita-se que essa estratégia de pesquisa possibilitou maior compreensão e abertura à questão relativa ao problema e ao grupo escolhido, por entender que os participantes estavam em local favorável conhecido por eles, com abordagem amigável e empática.

3.4. Procedimentos para coleta de dados

Em relação aos procedimentos técnicos de coleta de dados, foi realizado o questionamento, uma vez que buscou as informações diretamente com os sujeitos cujo comportamento pretende-se compreender. Pesquisas do tipo levantamento são bastante adequadas a objetivos descritivos, sendo especialmente úteis para a compreensão de atitudes e opiniões, como é o caso da pesquisa aqui proposta (GIL, 1991). As principais vantagens de estudos do tipo levantamento são o conhecimento direto da realidade, a economia e a rapidez com que a coleta de dados pode ser efetivada e a quantificação que pode ser realizada posteriormente à coleta. Em relação às limitações inerentes ao levantamento, destaca-se a ênfase nos aspectos perceptivos, tendo em vista que as informações fornecidas pelos sujeitos resultam da percepção deles sobre si mesmos, ou seja, os dados coletados são originários da subjetividade de cada um e sabe-se que podem existir diferenças entre o que se pensa, o que se faz e o que se diz, levando a uma distorção dos dados a serem analisados (GIL, 1991).

A coleta de dados consistiu em aplicar um questionário sociodemográfico e na utilização da estratégia de abordagem e técnica de grupo focal. Por tratar-se de pesquisa utilizando-se de seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), que tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Após sua aprovação (Parecer nº 2.286.241, anexo C), por meio de protocolo, foi solicitada a autorização da Instituição pesquisada (Apêndice II).

Na primeira etapa, optou-se por iniciar a coleta de dados com a apresentação da pesquisadora nas duas salas do oitavo ano, na qual se encontravam matriculados 40 alunos, com idade entre 13 e 14 anos. Nesse momento foi explicado o motivo da interpelação e feito o convite a participarem da pesquisa. Foi entregue aos presentes das duas salas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), a fim de que fossem apresentados aos pais ou responsáveis, para possível autorização e assinatura dos termos (Anexos A e B), para que fosse permitida contribuição ao estudo.

A segunda etapa foi a realização dos encontros do grupo focal. No primeiro encontro, pretensiosamente para aproximação, a pesquisadora iniciou apresentando-se e explicando o motivo do convite a todos, para que pudessem participar da pesquisa, deixando que se apresentassem e criassem certo vínculo. Nesse momento, foi aplicado o questionário sociodemográfico aos 17 participantes que estiveram presentes no primeiro encontro.

No segundo encontro, a pesquisadora pôde trazer à discussão para o grupo participante, dentro da qual os temas apresentados no estudo, tais como: relações familiares, adolescência e tecnologia, procurando esclarecer dúvidas e oportunizar certa reflexão entre os participantes, pois conforme Gatti (2012) o problema precisa estar claramente exposto, e a questão ou questões a serem levadas ao grupo para discussão dele decorrem. Nesse sentido, há certo grau de teorização sobre o tema em foco, que o pesquisador deve ter elaborado para seus propósitos.

No terceiro e último encontro do grupo focal, a discussão foi norteada pelo roteiro semiestruturado (Apêndice III). A utilização desse instrumento de pesquisa fez-se necessário para que nenhum ponto importante deixasse de ser abordado, porém, a liberdade para que os participantes trouxessem suas percepções e experiências foi o pano de fundo dos encontros. “O próprio processo grupal deve ser flexível, embora sem perder de vista os objetivos da pesquisa” (GATTI, 2012, p. 17).

O número de participantes sugerido pela autora referencia na técnica de grupo focal. Gatti (2012) perfaz em 12 (doze) como número máximo para que se tenha maior eficiência na execução do grupo, porém, por se tratar de um grupo de estudantes, onde o local autorizado pela direção foi a própria instituição de ensino, em horário único, esse número não pôde ser mantido devido à adesão do grupo, participando dos encontros agendados 17 (dezessete) adolescentes no total.

As informações gravadas e armazenadas no formato digital serão mantidas sob a guarda da pesquisadora por um período de cinco anos, quando então serão inutilizadas e descartadas com segurança, invalidando totalmente o documento.

3.5. Procedimentos para análise de dados

Os dados obtidos por meio da entrevista foram analisados pela pesquisadora de forma manual, pois, conforme Gil (1994, p.169), “o procedimento mais elementar de tabulação é o manual. Consiste no uso de lápis e papel”.

Utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016, p. 48), a qual define a análise de conteúdo como “[...] um conjunto de técnicas para análise da comunicação”, com o objetivo de compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, os significados explícitos ou ocultos na comunicação”.

A análise de conteúdo foi realizada por meio de três fases fundamentais: pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados incluindo a inferência e a interpretação, conforme prevê Bardin (2016).

Realizou-se a pré-análise por meio da organização do material coletado em quatro etapas: (i) leitura flutuante, para conhecer melhor os documentos da coleta de dados; (ii) escolhas dos documentos para serem analisados; (iii) formulação das hipóteses e dos objetivos; (iv) referenciação dos índices e elaboração de indicadores. Na segunda fase – a exploração do material – realizou-se a definição das categorias (sistemas de codificação), a identificação das unidades de registro (unidade de significação, o que corresponde ao segmento de conteúdo, a unidade base visando a categorização e contagem de frequência) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro). Por fim, na terceira fase, efetivou-se o tratamento dos resultados, destacando as informações para realizar a análise, inferência e interpretação dos dados.

Seguindo tais procedimentos da técnica análise de conteúdo, foi possível coletar e tratar os dados da pesquisa, traçando algumas considerações acerca dos resultados obtidos, além de preparar materiais diversos para a divulgação e difusão dos conhecimentos construídos durante a produção da presente pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos com o estudo de campo e suas análises. A princípio, possível caracterizar os participantes a partir de seu perfil sociodemográfico, elaborado através de dados fornecidos pelos mesmos, no questionário que lhes foi entregue. Em seguida, são tratados os dados qualitativos, que compreendem os discursos dos participantes quando indagados sobre o que percebem por relações familiares, e o quanto a tecnologia pode ter influência nessa percepção.

Por razões éticas e com o intuito de preservar o anonimato dos adolescentes participantes deste estudo, os nomes dos alunos foram substituídos durante a análise dos dados.

Para efeito de análise e discussão dos dados, os participantes foram nomeados de 1 a 17. Os dados foram então catalogados da seguinte forma: A1, A2 e assim por diante. Os eixos e as categorias, assim como a frequência de presença dos conteúdos e alguns segmentos ilustrativos das respostas dos entrevistados, estão apresentados em formato de tabelas. É importante relatar que o total de presença supera em muito o número total de participantes do estudo, uma vez que houve liberdade para que exteriorizassem suas opiniões, e também se identificou a presença de conteúdo pertencente aos dois eixos encontrados. A discussão dos resultados foi realizada com base nos autores das áreas de estudo, e ilustrada com alguns trechos das respostas dos entrevistados.

4.1 Perfil sociodemográfico dos participantes

A fim de caracterizar o grupo pesquisado, foram coletadas informações referentes à idade, sexo, composição familiar, pessoas que consideram pertencentes à família, moradia, ajuda financeira, acesso à internet e supervisão dos pais quanto ao acesso. Esses dados foram posteriormente tabulados no software Excel®. No total, participaram da pesquisa 17 adolescentes. O quadro 1 mostra a distribuição dos participantes conforme sua idade, sexo e composição familiar.

Quadro 1 – Distribuição dos participantes quanto à sua idade, sexo e composição familiar:

IDADE		SEXO		COMPOSIÇÃO FAMILIAR	
13 anos	14 (82%)	Feminino	10 (59%)	Pai e mãe + outros	16 (94%)
14 anos	3 (18%)	Masculino	7 (41%)	Padrasto e mãe	1 (6%)

Fonte: elaborada pela autora

Observa-se que a idade referência nesse grupo é de 13 anos, perfazendo o número de 14 participantes (82%). Por meio desses dados, pode-se constatar que o número de alunos em situação de repetência de ano escolar anterior nesse grupo é pequeno. A composição feminina também predomina entre os participantes, considerando que 10 (59%) indivíduos são do sexo feminino.

Respondendo a um dos objetivos gerais desse estudo, pode-se identificar que entre os participantes predomina a composição familiar considerada tradicional pela sociedade, observando-se que, das 17 famílias citadas, 16 (94%) são formadas por pai e mãe morando na mesma residência. Somente uma (6%) das famílias dos participantes deste estudo possui, em sua composição familiar, a formação de padrasto e mãe. Esse resultado corrobora com estudos voltados para as relações familiares, onde o modelo tradicional que predominava em nossa sociedade era o chamado modelo patriarcal.

Esse modelo predominou por determinado tempo desde a colonização do Brasil pelos portugueses, uma vez que puderam identificar nessas terras boas condições para que colocassem a prova suas aptidões para a vida tropical. Freyre (2003) traz em sua obra que os fatores que impulsionaram a colonização do Brasil foram a agricultura, devido às condições climáticas e, principalmente, a união do português com a mulher índia, impondo e incorporando o modelo familiar patriarcal, trazido por eles nas embarcações.

Dessa maneira, as primeiras famílias em nossa sociedade eram mestiças, haja vista a união por parte dos portugueses com as índias locais, e sua continuidade patriarcal foi se fortalecendo com o passar dos séculos, sendo considerado o modelo de família tradicional.

Mesmo que enraizado, o conceito de família brasileira como patriarcal também recebe suas críticas, pois segundo Botelho e Ferriani (2004), as ideias de Freyre são reconhecidas como decisivas na configuração do modelo patriarcal da família brasileira, porém, o reposicionamento das pesquisas contemporâneas faz-se em oposição ao retrato da família patriarcal destacado por esses textos prestigiados, mantendo-se como referência e modelo tradicional, comparado às diversas formações encontradas na atualidade.

Paralelamente a todas as mudanças ocorridas na maneira de pensar das pessoas nas últimas duas décadas, os casais homossexuais possuem hoje maior facilidade para adoção e até mesmo a concepção de um filho por métodos artificiais, permitindo a construção de novas formações familiares.

Sobre as condições familiares dos participantes, o quadro 2 mostra quem consideram pessoas pertencentes à família, tipo de moradia e ajuda financeira mensal.

Quadro 2 – Distribuição dos participantes quanto à moradia, mesada e pessoas que consideram da família:

CONSIDERAM PESSOAS DA FAMÍLIA		MORADIA		MESADA R\$	
Pessoas sem laços de sangue	100%	Casa própria	100%	Sim	5 (30%)
Somente pessoas com laços de sangue	0%	Casa alugada	0%	Não	12 (70%)

Fonte: elaborada pela autora

Pode-se observar no quadro 2 que, de maneira unânime, cem por cento dos participantes reconhecem como pessoas pertencentes à família aqueles que não possuem laços de sangue, evidenciando que os sentimentos causados pelas pessoas que amam são mais importantes nas relações familiares que o próprio DNA.

Nas falas dos participantes A2 “*pessoas que amo*” e A8 “*pessoas que respeitam a gente*”, quando questionados sobre quem são as pessoas que consideram pertencer à família, identifica-se claramente o reconhecimento de

peças sem laços de sangue como parte do grupo familiar, vinculadas pelo sentimento e comportamento para com eles.

O afeto e comportamento de carinho entre os componentes da família são considerados fatores importantes no desenvolvimento da criança e adolescente, quanto à formação do caráter, porém, estudos apontam para a grande lacuna na falta de diálogo e pela maneira como são tratadas as questões de conflito familiar, prevalecendo a discussão e a falta de carinho no tratamento dos indivíduos de convívio familiar (BOTELHO e FERRIANI, 2004).

Constata-se também, por meio dos resultados encontrados, que todos os participantes deste estudo (100%) moram em residência própria, superando o percentual brasileiro de 74% de moradias próprias, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2017.

A ajuda financeira mensal, conhecida pela grande maioria das pessoas como “mesada”, muitas das vezes destinada a crianças e adolescentes, com a finalidade de ensinar conceitos financeiros que poderão ser carregados por toda vida, está presente na realidade de somente 5 participantes deste estudo (30%), recebendo um valor mensal determinado para os gastos pessoais. O restante, 12 dos participantes (70%) não recebem um valor financeiro determinado por mês, esclarecendo por meio de seus relatos que recebem certa quantia sempre que solicitado aos pais, com pouca ou quase nenhuma restrição ao consumo, como por exemplo a fala do participante A5 “*sempre que quero alguma coisa, meus pais compram para mim, eles não me negam nada*”.

A falta limite e controle dos gastos para crianças e adolescentes é prejudicial na formação do ser humano como indivíduo equilibrado, ocasionando muitos dos problemas que encontramos na idade adulta por falta de administração dos próprios bens.

O excesso de liberdade pode prejudicar muito o desenvolvimento do caráter humano como cidadão de bem, pois a falta de limites nas idades iniciais reforça uma ideia individualista e egocêntrica em relação ao mundo, transformando-o em um ser humano fora da realidade, pois somente os pais fazem de tudo pela felicidade dos filhos, em contrapartida o mundo vira-lhes as costas (KLINJEY, 2018).

Permitir a frustração em crianças e adolescentes, ao contrário do que muitos pensam, auxilia no desenvolvimento de um ser humano realista e resistente às

dificuldades da vida. Facilidades demais, liberdade demais durante os primeiros anos de vida de um indivíduo podem torná-lo uma pessoa com pouca resistência e facilidade em revoltar-se contra o mundo quando algo sai errado na vida adulta.

É preciso desenvolver em crianças e adolescentes, por compreender a principal fase de formação do ser humano, as múltiplas inteligências, o que significa ensiná-los a equilibrar as emoções entre o desejo e a necessidade, entregando doses de amor, carinho e também de disciplina e controle, permitindo assim o equilíbrio entre os hemisférios esquerdo (intelecto) e direito (criativo) (MARQUES, 2015).

Em relação ao acesso dos participantes à tecnologia existente, o quadro 3 informa quanto à liberdade de acesso à internet, eventual supervisão dos pais e posse de *smartphone* pessoal,

Quadro 3 – Distribuição dos participantes quanto ao acesso deliberado à internet, eventual supervisão dos pais e o fato de possuírem *smartphone* pessoal:

ACESSO LIVRE À INTERNET		EVENTUAL SUPERVISÃO NO ACESSO À INTERNET		POSSUI SMARTPHONE	
Sim	15 (88%)	Sim	5 (30%)	Sim	100%
Não	2 (12%)	Não	12 (70%)	Não	0%

Fonte: elaborada pela autora

No quadro 3, identifica-se por meio deste estudo que os 17 participantes (100%) possuem um *smartphone* pessoal em seu poder, carregando consigo até mesmo nos momentos em que permanecem na sala de aula, acessando durante a explicação dos professores. O relato do participante A12 “*a gente acessa a internet o tempo todo, até na sala de aula*”, reforça a falta de controle até mesmo nas escolas durante o horário de aula. Constata-se a não supervisão aparente dos pais ou responsáveis, quanto ao conteúdo de acesso pela internet, uma vez que o resultado evidencia que somente 5 dos 17 participantes (30%) trazem em seus

relatos algum tipo de controle dos pais, por mais sutil que seja, como verificar eventualmente o histórico de acesso às páginas da internet.

Relatos como dos participantes A7 “ninguém supervisiona quando a gente está na internet não”, e do participante A2 “a gente acessa internet o dia inteiro tia”, corroboram com o cenário trazido por autores que vêm ocupando-se de alertar pais e responsáveis sobre o tema na educação e formação de crianças e adolescentes.

Apesar de viverem em um contexto de vasto acesso a informação, este cenário corrobora com a preocupação de Smith (2009), já que muitos dos pais não têm a mínima noção de informática e internet, ficando assim em desvantagem aos adolescentes, que além de dominarem, permanecem livremente navegando sem o devido controle dos pais, muitos navegam no escuro quando o assunto é a segurança dos filhos na internet.

A liberdade de acesso é reforçada pelo resultado encontrado no estudo, evidenciando que 15 (88%) dos participantes possuem acesso livre à internet, sem nenhum tipo de restrição no tempo de uso ou acesso a pacotes de dados. Somente 2 (12%) participantes relataram restrição ao uso do pacote de dados, mas em nenhum dos casos foi relatado restrição ao tempo de uso, utilizando-se da tecnologia para acessar vídeos diversos na plataforma *youtube*, trocar mensagens de texto e áudio por meio dos aplicativos destinados para esse tipo de comunicação, e navegando aleatoriamente pelo *facebook*.

Liberdade demais durante a infância e adolescência pode ocasionar sérias consequências nos anos da vida adulta, recaindo aos pais e responsáveis determinar os devidos limites necessários nessa fase da vida. Quanto à idade em que crianças devem ter o seu primeiro acesso à tecnologia, e principalmente sobre o que acessam e o período de permanência, estudiosos tem demonstrado preocupação com o cenário encontrado na sociedade, e reforçam em suas orientações tamanha precaução dos pais na condução de seus filhos.

Diferentemente do que é praticado, recomendável é que a criança menor de 3 anos não tenha qualquer tipo de contato com a tecnologia, e após esse período nunca, em circunstância alguma, navegue pela internet desacompanhada dos pais ou responsáveis. Igualmente aos pré-adolescentes e adolescentes, que se acompanhe os posts e mensagens trocadas, já que aos filhos em desenvolvimento

não há privacidade segura, e cabe aos pais discipliná-los para essa conduta (KLINJEY, 2017).

Para Bauman (2001), dificilmente encontram-se pais e responsáveis que obtêm controle dos filhos, permitindo que paire um desagradável ar de impotência no temperado caldeirão da individualização, e essa impotência é sentida e ainda mais odiosa, frustrante e perturbadora em vista do aumento de poder que se esperava que a tecnologia e sua liberdade trouxessem.

4.2 Como os adolescentes percebem suas relações familiares

Com base nos resultados encontrados, após verificação por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016), dois eixos foram percebidos, em resposta ao objetivo principal desta pesquisa, identificando no primeiro eixo como determinado grupo de 17 adolescentes, participantes deste estudo, percebem suas relações familiares e, como segundo eixo deste estudo, a presença da tecnologia nas relações familiares desse grupo de adolescentes.

Compondo o primeiro eixo, 4 categorias apresentam-se no quadro 4, sendo que duas delas dividem-se em subcategorias, traduzindo de maneira mais detalhada os sentimentos e comportamentos relatados pelos participantes durante a realização do estudo.

Quadro 4 – Como os adolescentes percebem suas relações familiares:

Como os adolescentes percebem suas relações familiares	Categorias	Subcategorias	Segmentos Ilustrativos
	1. Comunicação entre pais e filhos	1.1 presencial e pelas atitudes	<i>“senta todo mundo na mesa e a gente conversa bastante” (A12), “a gente senta para o café e minha mãe pergunta como foi meu dia” (A6), “quando a gente janta a gente conversa, é o horário que vejo eles” (A9); “Jogar bola com o irmão” (A4) “(...)minha mãe achou engraçado e viu comigo o vídeo” (A8) “ O pai dela anda de skate, muito legal”(A9); “olhar no olho eu acho importante” (A1), “mais contato pessoal é melhor né” (A10), “prefiro estar com ela que pelo telefone” (A17), “a gente fica sentado juntos no sofá” (A13) e “meu padrasto e eu a gente é muito grudado” (A6).</i>
		1.2 tecnologia simultânea à comunicação	<i>“Em casa a gente conversa e fica no celular ao mesmo tempo” (A1); “Em casa a gente fica mais no computador” (A2) “(...)a gente não larga o celular pra ficar conversando o tempo todo”; “Ela fala que não dou atenção, mas eu dou” (A2)</i>
	2. A tecnologia substituindo a presença da família	<i>“Minha mãe assiste o dia inteiro, quando não assiste ela sai” (A8); “Meus pais ficam fora, a gente só conversa à noite” (A15) “O celular pode suprir a falta da pessoa em casa” (A13) “Prefiro jogo on-line à minha família” (A7)</i>	
	3. A família como modelo e antimodelo de referência para o futuro	<i>“(...)tenho mais a aprender com minha mãe do que ela comigo” (A11) “No futuro sonho em ter uma família como a minha” (A5) “(...)tem coisa que vai servir pra eu não fazer com meu filho” (A16) “A base da criação deve ser igual mas ir melhorando a cada geração, ir evoluindo” (A9); “(...)não pretendo educar meus filhos como fui criado” (A4) “Meus pais falam que me dão coisas que não tiveram, mas eles sabem que isso agrada a eles” (A17)</i>	
	4. Conceito de família	4.1 Respeito	<i>“Pessoas que a gente respeita” (A6) “Quem respeita a gente” (A8); “Na minha casa é normal, não tem ninguém quieto e ninguém nem fala muito alto, atropelando assim, todo mundo respeita o momento de eu falar” (A14); “as pessoas que são próximas de você, que respeita a gente...” (A12)</i>
		4.2 Afetividade e frequência de convivência	<i>“Pessoas que amo” (A2) “Pessoas que fazem tudo para me ver feliz” (A5) “(...) aqueles que sinto saudade” (A7); “Amigos mais próximos são como família” (A4) “Os amigos do futebol são como família” (A3); “...pessoas que convivo muito, tipo eu tenho amigos que considero família” (A12); “Essa sala, minha segunda família assim, eu considero muito” (A9)</i>
		4.3 Responsabilidade e restrição	<i>“Família é muita responsabilidade” (A12) “ (...)tem que trocar fralda” (A7) “Dar banho” (A1); “A gente quer ir no futebol e a mulher chama pra ir no casamento das amigas” (A16)</i>
		4.4 Família em uma palavra	<i>“Turbulência” (A1); “Brincadeira” (A2); “Brincadeira” (A3); “Fera” (A4); “Saudade” (A5); “Confiança” (A6); “Amor” (A7); “Amor” (A8); “Honestidade” (A9); “Otimismo” (A11); “Verdade” (A14); “Engraçada” (A15)</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Pode-se identificar no quadro 4 que duas categorias do eixo 1 (categoria 1 e 4) estão subdivididas. Na categoria 1, a *comunicação entre pais e filhos* é ponto de referência dos participantes quando o assunto são suas relações familiares. Dentro dessa categoria foram identificadas 2 subcategorias (as quais *presencial* e *pelos atitudes e tecnologia simultânea à comunicação*), traduzindo à pesquisadora os momentos em que a comunicação entre pais e filhos possui maior significância para o grupo. Identificou-se que a comunicação presencial entre eles, mesmo que sem pronúncia de palavras, e pelas atitudes dos pais perante os filhos, tem força de referência nas relações cotidianas.

A comunicação acontece de diversas maneiras, não necessariamente somente por meio das palavras, ela é representada por escolhas, comportamentos e atitudes do cotidiano. Pequenos gestos de carinho ou desafeto traduzem mais do que simples palavras, que muitas das vezes são esquecidas em um pequeno espaço de tempo.

Conforme Castells (1999), na formação da identidade humana, a comunicação, seja ela como for, tem força determinante na construção do ser humano. Seja ela de maneira presencial, pelas atitudes dos pais, reforçada nesse estudo por meio dos relatos dos participantes como: “*a gente fica sentado juntos no sofá*” (A13) ou “*meu padrasto e eu a gente é muito grudado*” (A6), evidenciando que por meio de conversas com os pais ou somente pelo simples fato de estarem presentes em determinados momentos, tornam-se significativos aos filhos, como por exemplo, o momento das refeições em que estão juntos à mesa.

Por outro lado, a tecnologia simultânea à comunicação faz o contraponto dessa referência, pois está presente em muitas das falas dos participantes, tornando-se um dos momentos em que o grupo concentra suas referências de relação familiar.

Relatos como: “*em casa a gente conversa e fica no celular ao mesmo tempo*” (A8) ou “*a gente não larga o celular pra ficar conversando o tempo todo*” (A6), demonstram que a utilização da tecnologia acontece ao mesmo tempo em que a comunicação se faz presente, podendo fragilizar as relações cotidianas, pois a utilização de maneira simultânea à convivência com os pais e familiares não permite real entrega ao momento vivenciado.

A referência do comportamento presenciado dentro dos lares será a base para a formação de suas convicções no futuro, quando adultos.

Apoiando-se na literatura existente, a família vem destacada como principal ponto de referência dos participantes, reforçando que a presença dos pais e responsáveis permanece como porto seguro nos primeiros anos de vida. A família tem forte impacto e influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais por meio das relações familiares (DESSEN e POLONIA, 2007).

Os comportamentos e sentimentos presenciados na infância serão a base da construção da identidade humana, pois o contexto vivenciado durante os primeiros anos de vida serão fundamentais ao desenvolvimento de visão de mundo do indivíduo.

Reforça o autor que a identidade humana é construída por toda a sua vida, porém, inicia-se por meio de suas relações familiares, nos primeiros anos de sua existência. É dessa maneira que os indivíduos constroem sua identidade, sua forma de reconhecer-se como ser humano e pertencente a um grupo (BAUMAN, 2005).

Para Goleman (2012), a aprendizagem emocional se inicia nos primeiros momentos de vida e é reforçada durante a infância. Todas as interações entre pais e filhos, por menores que sejam, contêm um tema emocional, e a repetição de sua mensagem através dos anos formará na criança seu núcleo de perspectivas e aptidões emocionais.

Da mesma maneira que para esse grupo de adolescentes, a comunicação entre pais e filhos é ponto de referência quando o assunto são suas relações familiares, a tecnologia substituindo a presença da família também assume seu lugar de destaque.

Como segundo ponto de relevância no contexto vivido pelos participantes da pesquisa, a categoria 2, denominada como *a tecnologia substituindo a presença da família*, faz-se presente após análise do resultado, traduzida em parte dos relatos, corroborando com o cenário percebido de ausência dos responsáveis nos lares durante parte do tempo, uma vez que hoje as famílias são constituídas por pais e mães que permanecem mais tempo fora de casa, ou que possuem a agenda bastante corrida de afazeres da vida cotidiana, restando pouco tempo para dedicação aos filhos.

Autores retratam que a ausência nos lares, por consequência a ausência de diálogo, e pela forma como são vivenciados os momentos de perda, dor e frustração, deixará uma grande lacuna nas relações de confiança, respeito e afeto que permeiam as relações familiares de crianças e adolescentes desta geração (BOTELHO e FERRIANI, 2004).

Para o autor, a sociedade iniciou sua principal mudança na alteração das referências familiares, com o advento do ingresso em massa da mulher no mercado de trabalho, pois sua saída de casa durante boa parte do dia alterou um ciclo que foi mantido como referência por milhares de anos em todo o ocidente.

“Haja vista a emancipação das mulheres, o que acarretou certa ausência e mudança nas configurações dos lares” (DUBAR, 2009, p. 90).

Agravando o cenário de ausência da família em casa, passando em muitos dos casos a maior parte do dia longe dos filhos, encontramos relatos dos participantes que denunciam uma ausência mais profunda, aquela em que pais ou responsáveis encontram-se presentes, mas a atenção permanece voltada à tecnologia.

Para Santos (2015), as interações pessoais dentro da família e dos diversos ambientes de convivência face a face influenciam o desenvolvimento humano.

Na categoria 2, fica evidente a substituição da presença dos pais pela tecnologia, relatos como: “*minha mãe assiste o dia inteiro, quando não assiste ela sai*” (A8), “*meus pais ficam fora, a gente só conversa à noite*” (A15) e “*o celular pode suprir a falta da pessoa em casa*” (A13) corroboram com as teorias encontradas.

A grande preocupação de especialistas quando o assunto é a quantidade de tempo que pais têm dispensado aos filhos, quanto à vigilância e o devido controle de acesso às tecnologias existentes, salta aos olhos nas falas dos participantes do estudo, identificando que muitos dos pais permitem que esse grupo navegue na internet por tempo excessivo. Autores afirmam que sem o devido controle dos filhos, pais preguiçosos e omissos têm permitido que os filhos naveguem livremente nas redes sociais e armadilhas da tecnologia (KLINJEY, 2017).

Com certa conivência dos pais ao livre acesso à tecnologia por meio de *smartphone*, mesmo durante o colégio, professores têm sofrido com a falta de controle desse acesso em sala de aula. Além do desperdício de conteúdo da aula,

navegam livremente sem a supervisão dos pais. Quando chamados em reuniões presenciais, dizem não fazer ideia do que os filhos acessam e nem com quem se relacionam pela internet (KLINJEY, 2017).

Para Smith (2009), os pais que hoje tenham filhos na faixa de 8 a 17 anos, estão de certo modo no escuro no que tange aos riscos quando os filhos acessam a internet. Cada vez mais jovens ao redor do mundo estão se comunicando on-line e participando de atividades muito arriscadas, como assistir a conteúdo proibido para menores e expor-se a predadores que utilizam a internet como meio de aliciar menores para o sexo e para outros propósitos escusos. Atenção e cautela são necessárias quanto ao acesso de crianças e adolescentes pela internet, uma vez que não possuem maturidade e experiência de vida para identificar possíveis riscos.

Na terceira categoria encontrada, denominada *a família como modelo e antimodelo de referência para o futuro*, pode-se identificar por meio do material coletado que para os participantes a família aparece como modelo e até mesmo antimodelo de referência em relação aos ensinamentos transferidos pelos pais, pois de acordo com os relatos, não são todas as atitudes e comportamentos dos pais que os mesmos pretendem replicar na formação de suas próprias famílias.

A família como referência de modelo coloca-se como ponto principal desde sempre na história do ser humano, e apesar de todas as mudanças ocorridas na sociedade, esse fato continua com toda força independente da época vivenciada.

Para Goleman (2012), a aprendizagem emocional inicia-se aos primeiros momentos de vida e perdura até a vida adulta. Todas as interações entre pais e filhos, por menores que sejam, contêm um tema emocional, e a repetição dessa mensagem através dos anos formará na criança seu núcleo de perspectivas e aptidões emocionais.

Teorias da psicologia compreendem a formação da psique a partir do nascimento, citando Marques (2015), que relata em sua obra a formação da psique humana a partir do 0 ano de vida, porém, autores da área médica afirmam que a mente tende a formar-se ainda no ventre materno, reforçando que o período de gestação da mulher exerce forte influência em seu desenvolvimento como indivíduo após o nascimento.

Estudos mais ousados apontam para a influência do contexto familiar na formação da consciência humana desde sua concepção no ventre da mãe, pois os

sentimentos e percepções gerados desde então serão a base para formação da psique humana, podendo transferir como trauma na vida adulta acontecimentos ocorridos antes mesmo do nascimento (PIONTELLI, 1995).

Para Costa, et al (2017), tamanha é a importância do exemplo dentro dos lares para o desenvolvimento do indivíduo, que estudos apontam para o desenvolvimento de relações familiares violentas durante a vida adulta, na grande maioria das vezes em casos onde o indivíduo presenciou a mesma realidade quando criança e adolescente.

Relatos dos participantes corroboram o cenário apresentado por especialistas: “(...) *tenho mais a aprender com minha mãe do que ela comigo*” (A11), “*no futuro sonho em ter uma família como a minha*” (A5) e “(...) *tem coisa que vai servir para eu não fazer com meu filho*” (A16).

Fechando o primeiro eixo deste estudo apresenta-se a categoria 4, denominada por *conceito de família*, posteriormente dividindo-se em 4 subcategorias, possibilitando dessa maneira clareza no entendimento quanto aos comportamentos de maior relevância para o grupo, frente ao tema conceito de família.

As subcategorias identificadas como: *respeito, afetividade e frequência de convivência, responsabilidade e restrição*, e a definição da *família em uma palavra* traduzem o conceito de família declarado pelos participantes no momento da pesquisa.

Sentimentos como respeito e afetividade aparecem como pontos positivos ao conceito de família que representa os participantes do estudo, em contrapartida o peso da responsabilidade e restrição na condução da família complementam a maneira como percebem e conceituam suas relações com os pais, explicitando que os pontos negativos de uma relação familiar também exercem influência na visão de família desse grupo.

Na primeira subcategoria respeito, relatos como: “*na minha casa é normal, não tem ninguém quieto e ninguém nem fala muito alto, atropelando, assim todo mundo respeita o momento de eu falar*” (A14) ou “*quem respeita a gente*” (A8), traduzem o sentimento de respeito gerado ao participante no convívio familiar, seja pelo comportamento familiar de oportunizar que esse adolescente fale o que pensa

e sente, buscando equilíbrio na comunicação entre os familiares, como relatado pelo participante 14.

Autores afirmam que em sua dinâmica familiar, o equilíbrio entre afetividade e exigência faz-se necessário para o desenvolvimento da autonomia adolescente (BARBOSA, et al., 2017).

A segunda subcategoria, denominada como afetividade e frequência de convivência, relatada pelos participantes por meio de falas como: “*peçoas que amo*” (A2) ou “*peçoas que fazem tudo para me ver feliz*” (A5), traduzem que o sentimento de afeto e carinho demonstrado por eles ajudam a construir o conceito de família desse grupo. Não somente as pessoas com laço de sangue são consideradas parte da família, porém, os amigos e aqueles com quem possuem frequência de convivência também fazem parte desse conceito, reforçadas por relatos como: “*peçoas que convivo muito, tipo eu tenho amigos que considero família*” (A12) ou “*essa sala, minha segunda família assim, eu considero muito*” (A9), corroboram com autores que afirmam que os sentimentos gerados nos indivíduos são mais importantes muitas vezes que os laços de sangue existentes, quando o assunto é a construção da identidade humana (BAUMAN, 2005).

A terceira subcategoria traduz a responsabilidade e restrição que dizem respeito ao conceito de família, apontado por esse grupo em falas como: “*família é muita responsabilidade*” (A12) ou “*a gente quer ir no futebol e a mulher chama pra ir no casamento das amigas*” (A16), reforçando que mesmo que haja sentimentos positivos em sua grande maioria dos relatos, momentos de peso pela responsabilidade e restrição nas ações também fazem parte do convívio familiar desse grupo.

Para Goleman (2012), difícil é o papel do equilíbrio nas relações familiares, mas não impossível, desde que todos os momentos vivenciados no cotidiano familiar, positivos ou negativos, sejam proveitosos e sirvam de aprendizado na construção do equilíbrio emocional dentro dos lares.

O cuidado faz-se necessário com cada comportamento perante os filhos, pois as transformações ocorridas na sociedade, na estrutura familiar e a forma como os atuais e jovens pais foram educados provocaram problemas na educação dos filhos (PRATTA e SANTOS, 2007).

Como última subcategoria deste primeiro eixo, encontra-se a definição do grupo de conceito de família, em uma única palavra, traduzindo dessa maneira o que ela representa para cada um deles. Definições como: “*turbulência*” (A1), “*brincadeira*” (A3) ou “*otimismo*” (A11) não demonstram efetivamente o que pensam sobre suas famílias, mas o momento que estavam vivenciando no ato da pesquisa.

Especialistas chegam a afirmar que chegou o tempo de anunciar o fim da definição do ser humano como um ser social, definido por seu lugar na sociedade, determinando seus comportamento e ações. Em seu lugar a combinação da definição estratégica da ação social que não é orientada por normas sociais e a defesa dos atores sociais de que sua especificidade cultural e psicológica pode ser encontrada dentro de cada indivíduo, e não mais nas instituições sociais ou em princípios universais (BAUMAN, 2001).

Surpreende-se a pesquisadora ao deparara-se entre os resultados encontrados, que o grupo participante valoriza o contato pessoal com os pais e responsáveis, representado por pequenos gestos como um beijo na testa ao desejar boa noite ou a simples presença dos pais nos momentos de refeição, contrariando o que a fase da adolescência transparece por sua possível rebeldia.

Em contrapartida ao primeiro eixo encontrado, o segundo eixo traduz a forte influência da tecnologia nas relações familiares desses adolescentes, uma vez que sua invasão nos lares da sociedade alterou o comportamento e os valores presentes nas famílias, por meio de suas relações.

4.3 A presença da tecnologia nas relações familiares de adolescentes

O segundo eixo deste estudo, denominado como *a presença da tecnologia nas relações familiares de adolescentes*, após incansável análise do conteúdo salta aos olhos, reforçado por meio dos relatos dos participantes e pelo contexto tecnológico em que convivem cotidianamente, tornando o tema tecnologia presente nas relações familiares desse grupo, como segundo ponto de referência nos resultados encontrados.

Percebe-se, pelas falas dos participantes, que o uso excessivo da tecnologia está presente entre todos os membros da família, ocasionando de certa maneira a presença ausente dentro dos lares, no qual pais e até mesmo os filhos estão no

mesmo ambiente, mas aparentam pouca interação entre si: “*gosto mais de jogo on-line que conversar com minha família*” (A3), “*(...) a gente não larga o celular pra ficar conversando o tempo todo*” (A6), ocasionada pela facilidade de acesso e uso do *smartphone* entre os participantes: “*todos de casa têm smartphone*” (A14).

As análises realizadas nesse eixo identificaram 3 categorias, sendo uma delas dividida em duas subcategorias. Por meio das subcategorias, pode-se detalhar com maior precisão os comportamentos que estão relacionados à categoria existente.

As 3 categorias encontradas foram denominadas conforme análise e inferência da pesquisadora, levando-se em consideração os pontos de relevância do resultado encontrado, são elas: *a tecnologia afastando quem está perto*, *permissão de uso da tecnologia pelos pais* (dividida em 2 subcategorias: controle limitado e falta de controle) e por último a *frequência de acesso à internet*.

Quadro 5 – A presença da tecnologia nas relações familiares de adolescentes:

Eixo	Categorias	Subcategorias	Segmentos Ilustrativos
A presença da tecnologia nas relações familiares de adolescentes	1.A tecnologia afastando quem está perto		“ <i>Em casa a gente conversa e fica no celular ao mesmo tempo</i> ” (A1) “ <i>(...)a gente fala olhando para tela</i> ” (A15) “ <i>Gosto mais de jogo on-line do que conversar com minha família</i> ” (A3) “ <i>(...)meu irmão mais novo fica o tempo todo no computador</i> ” (A11) “ <i>(...)a gente não larga o celular pra ficar conversando o tempo todo</i> ” (A6) “ <i>Os vídeos que assistimos não influenciam em como a gente se comunica</i> ” (unânime)
	2.Permissão de uso da tecnologia pelos pais	2.1 Controle limitado	“ <i>(...)minha mãe vigia depois meu celular</i> ” (A6) <i>Tudo o que vejo meu pai sabe</i> ” (A4)
		2.2 Controle não aparente	“ <i>Ninguém supervisiona quando a gente está na internet não</i> ” (A7) “ <i>(...)eu assisto Massafera que fala besteira e palavrão e minha mãe sabe</i> ” (A17)
	3. Frequência de acesso à internet		“ <i>A gente acessa a internet o dia inteiro tia</i> ” (A2) “ <i>(...)todos que moram comigo têm smartphone</i> ” A14); “ <i>Minha mãe não liga, ela até gosta dos vídeos engraçados dele</i> ” (A9) “ <i>Minha mãe assiste o dia inteiro, quando não assiste ela sai</i> ” A8) “ <i>Em casa a gente fica mais no computador</i> ” (A13)

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando que a tecnologia está presente na vida dos participantes desde muito cedo, quase sempre apresentada precocemente aos filhos pelos pais, tem exercido influência das relações familiares desses, por meio da alteração dos

comportamentos dentro dos lares. Autores afirmam que o contexto vivenciado durante os primeiros anos de vida exerce as maiores influências na formação do caráter do ser humano, uma vez que os exemplos recebidos desde os primeiros momentos de vida serão a base de referência sobre o que seja certo e errado, dentro da conduta humana.

Durante toda a vida aquilo que rodeia o ser humano pode interferir em seu desenvolvimento, quiçá o ocorrido nos primeiros anos de vida, idade referência da infância e adolescência, do 0 aos 14 anos (MARQUES, 2015), dessa maneira, tudo aquilo que interage com o indivíduo nessa fase da vida poderá interferir em seu desenvolvimento como ser humano.

Na categoria 1, denominada como *a tecnologia afastando o que está perto*, pode-se identificar por meio dos relatos dos participantes que o uso excessivo da tecnologia e suas mídias sociais está afastando as pessoas de convívio diário, para aproximar aquelas que pouco se veem ou participam dos momentos cotidianos, “*em casa a gente conversa e fica no celular ao mesmo tempo*”(A1), “*(...) a gente fala olhando pra tela*” (A15), “*gosto mais de jogo on-line do que conversar com minha família*” (A3), “*(...)meu irmão mais novo fica o tempo todo no computador*” (A11) e “*(...) a gente não larga o celular pra ficar conversando o tempo todo* (A6)”.

Na contramão do que aconselham os especialistas da área, o contexto atual de tecnologia exacerbada tem alterado as prioridades e conceitos de relacionamento do ser humano, como mostram estudiosos, onde a grande preocupação faz-se frente a quantidade e liberdade que hoje crianças e adolescentes possuem de navegar livremente pela internet de forma irresponsável. O controle do que os filhos acessam na internet faz-se necessário para segurança destes (SMITH, 2009).

A necessidade de controle sobre o que os filhos acessam na internet é ponto de referência nos estudos atuais, pois a grande influência exercida sobre tudo o que é absorvido por crianças e adolescentes precisa ser levada em consideração nos momentos de controle e disciplina dispensada aos filhos.

Para Klinjey (2017) recomendável faz-se que a criança nunca, em nenhuma circunstância, navegasse pela internet desacompanhada dos pais ou responsáveis, igualmente aos pré-adolescentes e adolescentes, que se acompanhe os posts e mensagens trocadas, para os filhos em desenvolvimento não há privacidade segura (KLINJEY, 2017).

A segunda categoria encontrada, denominada como *permissão de uso da tecnologia pelos pais*, dividida em duas subcategorias (controle limitado e controle não aparente), apresenta-se como ponto importante ao desenvolvimento do grupo.

O ponto de relevância nessa categoria é a permissão de pais e responsáveis ao uso da tecnologia com frequência e liberdade, porém, dois pontos sobressaíram como detalhamento do comportamento permissivo dos pais, como o controle limitado percebido em algumas falas como: “*minha mãe vigia depois meu celular*” (A6) e como relatado faz-se na segunda subcategoria denominada como controle não aparente, onde os relatos reforçam que se existe algum tipo de controle exercido pelos pais, ele faz-se de maneira discreta ou até mesmo podendo ser inexistente: “*ninguém supervisiona quando a gente está na internet*”(A7) e “*eu assisto Massafra que fala besteira palavrão e minha mãe sabe*” (A17).

Com acesso irrestrito à internet e liberdade suficiente para trafegar por todo tipo de aparelho que disponibiliza esse acesso, seja por meio de *smartphone*, tablet ou computador, a influência torna-se seu ponto de referência nos relatos e teorias encontradas no assunto, mantendo viva a preocupação de estudiosos no assunto.

Para crianças e adolescentes com acesso à internet não existe democracia, longe de ser o regime de ditadura, mas o acesso e conteúdo devem ser controlados pelos pais e responsáveis. Distante da invasão de privacidade que recai aos que assim o fazem, está o zelo por aqueles que se ama e que se deseja proteger de predadores adultos e perniciosos, tentando molestá-los física e emocionalmente (SMITH, 2009).

Não fosse a facilidade de acesso à tecnologia a que se refere, muitos desses adolescentes, como mostra o resultado encontrado neste estudo, ainda contam com a conivência dos pais, haja vista os relatos dos participantes deste estudo: “*minha mãe não liga, ela até gosta do Winderson*” (A9), “*minha mãe assiste o dia inteiro, quando não assiste ela sai*” (A8) e “*em casa a gente fica mais no computador*”(A13), aparentemente pais que oferecem um nível insignificante de controle e contribuem ativamente para os momentos de acesso.

Reforçando a necessidade de equilíbrio entre o controle e a liberdade dos pais, encontram-se a teorias pertinentes ao assunto, onde o contexto em que vive e convive o ser humano é responsável por forjar seu caráter e personalidade. A grande preocupação de especialistas é justamente com a quantidade de utilização

por parte da sociedade como um todo, mas em especial as crianças e adolescentes, inocentes aos perigos causados pela má utilização da tecnologia e suas mídias sociais.

Não fosse somente a presença constante da tecnologia no convívio diário dos participantes, a terceira e última categoria deste estudo aponta para a *frequência de acesso à internet*, não somente pelos participantes, mas também pelos demais membros da família.

Neste estudo tem sua força entre os relatos dos participantes como o terceiro comportamento mais presente dentro dos lares desse grupo, reforçada pelos relatos dos participantes como: “*a gente acessa a internet o dia inteiro tia*” (A2) “*(...) todos que moram comigo têm smartphone*” (A14), “*minha mãe não liga para o que eu acesso, ela até ri comigo*” (A9), “*minha mãe assiste o dia inteiro, quando não assiste ela sa*” (A8) e “*em casa a gente fica mais no computador*” (A13).

O interesse dos adolescentes pela tecnologia faz-se latente no comportamento dos mesmos e na preocupação de estudiosos da área, pois necessário se faz compreender que essa faixa etária tem maior propensão ao uso da tecnologia, utilizando-se de maneira deliberada e autorizada pelos pais e responsáveis.

Conforme Bufalo (2018), certa correlação neuronal com as mídias sociais faz-se necessária para compreensão do cérebro do adolescente, não somente por ser um usuário entusiástico, mas por comportar-se diante de suas relações virtuais de maneira interessante e merecedora de investigação profunda.

Somado ao interesse dos adolescentes pela tecnologia, a facilidade de acesso e falta de controle dos pais poderão trazer consequências que ainda não podem ser mensuradas, mas pode-se observar, de imediato, mudanças significativas nos comportamentos relacionados ao excesso e falta de limite dessa atual faixa etária.

A autora afirma que a adolescência é muito importante para o desenvolvimento social cognitivo do ser humano, pois mudanças em regiões subcorticais associadas ao processamento das emoções e recompensa estão sofrendo mudanças consideráveis e se reorganizando durante a puberdade (BUFALO, 2018). Em determinado momento da vida, em que as mudanças internas são gritantes e a necessidade de equilíbrio e estabilidade externa são importantes ao desenvolvimento humano, as bases de referência não se fazem como ponto de

apoio, ao contrário, encontram-se em processo de mudança e reafirmação de sua essência.

A mudança nos hábitos das famílias brasileiras é aparente, a tecnologia, por meio de seus *smartphones* e outros tipos de *gadgets*, têm invadido os lares, e por consequência, tem alterado os hábitos cotidianos das famílias, alterando os exemplos percebidos por crianças e adolescentes. Novos hábitos trazem novas influências nas percepções dos seres humanos, uma vez que enxergam o mundo por meio de suas aspirações e concepções do contexto em que vivem, principalmente pelos exemplos percebidos por pais e responsáveis.

Toda influência em como percebem suas relações familiares é identificada ao analisar-se o conteúdo deste estudo, por meio dos relatos dos participantes, somado à pouca literatura existente sobre os temas tecnologia para crianças e adolescentes, apontando para um universo pouco estudado e tão importante para o futuro da sociedade.

Para Bauman (2001), os seres humanos que tendem a crescer com pouca atenção dos pais e muita liberdade de acesso às tecnologias existentes, poderão tornar-se indivíduos de muitas influências e poucas referências, o indivíduo formado pela modernidade líquida terá dificuldade em equilibrar-se como pessoa, pois suas referências não serão sólidas.

A própria comunicação dentro dos lares, que passa a adotar gírias e palavras que, para as gerações anteriores, dificilmente seriam compartilhadas com os pais, quiçá apoiadas por eles, a ausência cotidiana dos pais e responsáveis, o que acarreta maior liberdade para que naveguem na internet deliberadamente, têm exercido uma força descomunal no desenvolvimento destes adolescentes, uma vez que o contexto em que convivem é um dos pilares do desenvolvimento humano (KOLLER, 2004).

Reforçando a influência da tecnologia e suas mídias sociais encontrada na pesquisa, teóricos alertam que tamanha imersão à tecnologia e os transtornos que a globalização tem trazido, frente ao descontrole em que o mundo se encontra, têm transformado tudo o que acontece em nossas vidas, afetando de maneira direta nossa sexualidade, relacionamento, casamento e família (GIDDENS, 2000).

Levando em consideração a criação que receberam em suas formações como seres humanos, vale ressaltar que está nas mãos de pais e responsáveis cuidar da

maneira como estão se portando frente ao uso da tecnologia, cuidar dos excessos, lembrando que sempre serão o exemplo de seus filhos. Procurar discipliná-los na principal fase de desenvolvimento da vida, dessa maneira, zelando por eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo participante percebe suas relações familiares de maneira afetuosa, importando-se com detalhes como pequenos gestos de demonstração de carinho, amor e cuidado por aqueles com quem convivem. Reforçam que consideram pessoas da família todos aqueles que por eles demonstram mencionados sentimentos, independentemente de laços sanguíneos. Pretendem, ainda, no futuro, formar famílias assim como as que possuem, alterando em parte a educação dos futuros filhos.

Em relação à influência da tecnologia nas relações familiares desse grupo, identificou-se que parte dos relatos trazidos demonstram influência no comportamento deles e dos familiares que com eles convivem diariamente, ficando grande parte do dia voltados às tecnologias existentes (*smartphone*, *tablet* e computador pessoal). O *smartphone* é a tecnologia mais utilizada entre os integrantes desse grupo e seus familiares.

Apesar de toda tecnologia presente no cotidiano do grupo pesquisado, conceitos familiares como respeito, afetividade e responsabilidade foram apontados como pontos principais, identificados nos relatos aqui tratados.

Quanto a comunicação entre os integrantes da família, reconhecem que muitas das vezes, a tecnologia acaba sendo o meio de comunicação mais utilizado, por meio de dispositivos tecnológicos e mídias sociais. Apesar de pouco citado, entre os resultados encontrados está presente a importância dada ao contato pessoal com os pais, principalmente nos momentos de refeição em família.

O contato com o grupo participante deu-se de maneira afetuosa e próxima, por meio dos três encontros que houveram a aproximação foi nítida pela maneira carinhosa da tratativa com a pesquisadora, sendo chamada a todo momento por tia.

Houve a oportunidade da devolutiva aos pais e adolescentes participantes do estudo pela pesquisadora, os pais receberam o resultado com surpresa pois não esperavam que o contato pessoal com os filhos é tão valorizado pelos adolescentes.

Assim sendo, esta pesquisa baseia-se em um único grupo de 17 adolescentes, estudantes de colégio particular e com acesso irrestrito às tecnologias existentes no momento do estudo, limitações que possibilitam uma conclusão reduzida frente a todas as possibilidades que poderão ser geradas a partir deste conteúdo, como por

exemplo, novo estudo voltado a adolescentes estudantes de escolas públicas, ou até mesmo com os pais destes alunos, para que as comparações se façam de maneira mais rica.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, M. C. L. A., DAMASCENO, P. R., TERTO, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. **Psicologia em Estudo**, 8(especial), 11-20
- ANTONI, C., KOLLER, S.H. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**. Porto Alegre, 5(2), p.347-381, 2000.
- ASSIS, W.R.C.L. **O caminho intergeracional dos sentimentos**: estudos dos padrões afetivos transmitidos pela família. 2006. 232 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Cap. 3.
- ASPESI, C. C.; DESSEN, M. A.; CHAGAS, J. F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. (Orgs). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas de futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2005. Cap. 1, p. 19-36.
- BARBOSA, P. V. et al. Autonomia, Responsividade/ Exigência e Legitimidade da Autoridade Parental: Perspectiva de Pais e Adolescentes. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 1, n. 22, p.23-34, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110 p. Tradução Carlos Alberto Medeiros.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 278 p. Tradução Plínio Dentzien.
- BENETTI, S. P. C. Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e Adolescente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Belo Horizonte, n. 192, p.261-268, 2006.
- BOTELHO, S. M. N.; FERRIANI, M. G. C. PROSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: interfaces com a instituição familiar. **Revista Bras Enferm**, Brasília, n. 572, p.198-202, 2004.
- BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Editions du Seuil, 1998.
- BUFALO, K. S. **VIDA E SAÚDE: Desde 1939 boas ideias para você viver bem**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, v. 10, out. 2018. Mensal.
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Portal do IBGE cidades. 2017a. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jacarei/panorama>>. Acesso em 18 dez 2017.

_____. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Portal do IBGE características gerais dos moradores. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 22 abril 2019.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 17. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2016. 629 p. Traduzido por Roneide Venancio Majer.

_____. **O Poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II, 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1999. 530 p. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt.

CERVENY, C. M. O. **A Família Como Modelo**. Desconstruindo a patologia. Campinas. Editorial PSY II, 1994. 139 p.

COSTA, L. F. et al. Transmissão Geracional Familiar em Adolescentes que Cometeram Ofensa Sexual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Online, v. 37, n. 04, p. 995-1.010, 2017.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância**. Teoria e prática. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2005, p. 270. Ilustração Marcela Cristina de Souza.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. São Paulo. Editora Contexto, 2005, p. 336.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A. Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Revista Paidéia. Brasília**, volume 17(36), 21-32, maio de 2007.

DESSEN, M. A.; GUEDEA, M. T. D. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. **Revista Paidéia**. Ribeirão Preto, volume 15(30), 11-26, abril de 2005.

DIAS, C.; COUTO, O. F. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em Discurso**, [S.l.], v. 11, n. 3, p. p. 631-648, fev. 2012. ISSN 1982-4017. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/824/763>. Acesso em: 11 jul. 2017.

DUBAR, C. **A Crise das Identidades: A Interpretação de uma Mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 292 p. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: 20 julho 2017

FACO, V. M. G.; MELCHIORI, L. E.: Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana. São Paulo: **Revista Unesp**, 2009. Scielo Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/krj5p/pdf/valle-9788598605999-07.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 48. Edição. São Paulo. Editora Global. 2003. 719 p.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília - Df: Líber Livro, 2012. 80 p. (Série Pesquisa). Volume 10.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**: O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. 108 p. Tradução Maria Luiz X. de A. Borges.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. A Teoria Revolucionária que Redefine o que é ser Inteligente. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012. 284 p. Tradução Marcos Santarrita.

GONÇALVES, H. S. et al. Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 202, p. 217-225, 2008.

GUERINI, I. C. et al. Percepção de Família sobre estressores decorrentes das demandas de cuidado de criança e adolescente dependente de tecnologias. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, n. 212, p. 348-355, 2012.

GUYAU, J. M. **A irreligião do futuro**. Estudo sociológico. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2014. 863 p. Tradução Regina Schöpke.

HERMETO, C. M.; MARTINS, A. L. (Org.). **O Livro da Psicologia**: As Grandes Ideias de Todos os Tempos. São Paulo: Globo, 2012. 352 p.

KEEPIN, W.; BRIX, C.; DWYER, M. **Dualidade Divina**. O poder da reconciliação entre homens e mulheres. São Paulo. Editora Cultrix, 2010. 248 p. Tradução Melania Scoss.

KLINJEY, R. **Help! Me eduque**. Prepare seu filho para lidar com o mundo. 3. Edição. São Paulo. Editora Letramais, 2017. 191 p.

KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano**: Pesquisa e Intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 437 p.

LÉVY, P. **CIBERCULTURA**. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p. Tradução Carlos Irineu da Costa.

LONGO, W. **MARKETING E COMUNICAÇÃO NA ERA PÓS-DIGITAL: AS REGRAS MUDARAM**. São Paulo. Editora HSM do Brasil, 2014. 312 p.

MACHADO, F. N.; MEIRA, D. C. S.; MADEIRA, A. M. F. Percepções da família sobre a forma como a adolescente cuida do filho. **Revista Esc Enfer Usp**, São Paulo, n. 371, p. 11-18, 2003.

MARQUES, J. R. **Superinteligência: Neuroplasticidade e aprendizagem acelerativa**. 1. Edição. Goiânia: Editora IBC, 2016. 334 p.

MARQUES, J. R. **Autoconhecimento e a Teoria dos Setênios**. 2015. Disponível em: <<http://www.jrmcoaching.com.br/blog/autoconhecimento-e-teoria-dos-setenios/>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Mídias Sociais. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdias_sociais> Acesso em: 11 set 2018.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: < <http://www.more.ufsc.br/> >. Acesso em: 26 julho 2017.

MOSMANN, C. P. et al. Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 344, p. 487-498, 2017.

OLIVEIRA, A. R. V.; PINHO, D. L. M. Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 03, p.633-642, 2013.

OLIVEIRA, M. K. **VYGOTSKY: Aprendizado e desenvolvimento – Um processo sócio-histórico**. São Paulo. Editora Scipione, 1993.

PENN, M. J. **Microtendências – As pequenas forças por trás das grandes mudanças de amanhã**. Rio de Janeiro. Editora Best Seller, 2008. Tradução Adriana Rieche.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos Arranjos Familiares: Paternidade, Parentalidade e Relações de Gênero Sob o Olhar de Mulheres Chefes de Família. **Revista Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, volume 19 n. 2, p. 57 – 69, 2007.

PIONTELLI, A. **De Feto a Criança**. Um estudo observacional e psicanalítico. Rio de Janeiro. Editora Imago, 1995. 262 p. Tradução Joana Wilhelm e Nícia Lyra Gomes. Nova Biblioteca de Psicanálise.

PONTES, M. F.; FÉREZ-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Famílias Homoparentais e Maternidade Biológica. **Psicologia & Sociedade**. Rio de Janeiro, volume 27 n. 1, p. 189-198, 2015.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e Adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 202, p. 456-464, 2004.

SANTOS, F. G. “**COMPRA, PAPAI!**” : A PUBLICIDADE NA TV INTERFERINDO NO CONSUMO E NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Humano, Mestrado, Unitaú, Taubaté, 2015. Cap. 3.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. Risco, Proteção e Resiliência no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 02, p. 209-216, 2005.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução Laura Teixeira Morta; São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2000.

SMITH, G. S. **Como Proteger seus Filhos na Internet**. Um guia para pais e professores. Ribeirão Preto – SP. Editora Novo Conceito, 2009. 246 p.

STENGEL, M. Discurso de pais e mães sobre a amizade em família com filhos adolescentes. **Paidéia**, Belo Horizonte, v. 21, n. 49, p. 217-225, 2011.

TEODORO, M. L. M.; CARDOSO, B. M.; FREITAS, A. C. H. Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Belo Horizonte, n. 232, p. 324-333, 2007.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade**: Uma Teoria Social da Mídia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. 261 p. Tradução Wagner de Oliveira Brandão.

WAGNER, A., FALCKE, D., SILVEIRA, L. M. B. O., MOSMANN, C. P. A Comunicação em Famílias com Filhos Adolescentes. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, volume 7 n. 1, p. 75-80, jan/jun 2002.

APÊNDICE I – Ofício



UNITAU

Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
Recredenciada pela Portaria CEE/GP nº. 241/13
CNPJ 45.176.153/0001-22

PRPPG – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
prppg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH – 050/2017

Taubaté, 29 de maio de 2017.

Prezado (a) Senhor (a)

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa pela aluna **FLÁVIA LEME DE SIQUEIRA**, do Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2017, intitulado **“A Influência das Mídias Sociais na Formação da Identidade – Como adolescentes percebem as relação de família”**. O estudo será realizado com alunos de idade entre 13 e 14 anos, sob a orientação da **Profª D^{ra} LETÍCIA MARIA PINTO DA COSTA**.

Para tal, será realizado junto à população a ser pesquisada grupo focal por meio de um instrumento elaborado para este fim. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará por análise e aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.020-040, telefone (12) 3624-1657 ou com **FLÁVIA LEME DE SIQUEIRA**, telefone (11) 96060-9794 (inclusive ligações a cobrar), e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Prof. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em
Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais

Ilmo. Sr. Mantenedor Mateus Turci
Colégio Sepp - Saint Exupery Pequeno Príncipe
Jacareí - SP

APÊNDICE II – Termo de Autorização

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

TAUBATÉ, 30 DE MAIO DE 2017.

De acordo com as informações do ofício nº PPGEDH – 050/2017 sobre a natureza da pesquisa intitulada “A Influência das Mídias Sociais na Formação da Identidade – Como adolescentes percebem as relações de família”, com propósito de trabalho a ser executado pela (o) aluna (o) Flávia Leme de Siqueira, do Mestrado em Desenvolvimento Humano – Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, e após a análise do conteúdo do projeto de pesquisa, a Instituição que represento autoriza a realização de entrevista semi-estruturada, no formato de grupo focal, com alunos na faixa etária entre 13 e 14 anos que estudam neste local, sendo mantido o anonimato da Instituição e dos alunos.

Atenciosamente,



Mateus Turci
Mantenedor
Colégio SEPP – Saint Exupery Pequeno Príncipe
COLÉGIO TURCI & RIBEIRO EIRELI - EPP

**APÊNDICE III – Roteiro Semiestruturado de Coleta de Dados Qualitativo -
Grupo Focal**

Trabalho de Dissertação – Mestrado em Desenvolvimento Humano UNITAU

Mestranda: Flávia Leme de Siqueira

1. O que vocês entendem por relações familiares?
2. Acreditam que essas relações são positivas ou negativas?
3. Consideram todos os que moram com vocês pessoas da família? No que diz respeito à proximidade.
4. Existem pessoas fora da família que vocês consideram da mesma forma, ou até mais?
5. Que tipo de tecnologia vocês mais acessam?
6. Acreditam que o que acessam na internet influencia no que pensam em relação à família de vocês?
7. Quais tipos de vídeos são mais acessados por vocês?

APÊNDICE IV – Questionário Sociodemográfico**Trabalho de Dissertação – Mestrado em Desenvolvimento Humano UNITAU****Mestranda: Flávia Leme de Siqueira**

Data da aplicação: ____/____/____

Dados Pessoais

Idade: _____ Gênero: () masc () fem

Em que série você está? _____

Moradia: () alugada () casa própria

Recebe mesada (R\$) para gastos pessoais? () sim () não

Caso tenha respondido que sim, qual valor aproximado?

() até R\$ 200,00 () até R\$ 400,00 () até R\$ 600,00 () acima de R\$ 600,00

Quem são as pessoas que hoje moram com você?

Possui acesso livre à internet? () sim () não

Possui aparelho de celular com acesso à internet? () sim () não

Durante os acessos à internet, existe supervisão dos pais/ responsáveis? () sim () não

Tem acesso a outros tipos de aparelhos tecnológicos? () sim () não

Quais? _____

Quem são as pessoas que você considera sua família?

APÊNDICE V – Transcrição da Pesquisa de Campo

Pesquisadora: bom dia gente! Estamos aqui hoje para nosso último encontro e eu trouxe uma pessoa muito querida pra me acompanhar, vocês conhecem a Telma? Ela trabalha aqui no colégio e também é minha amiga de muito tempo.

Auxiliar de pesquisa: bom dia gente! Estou muito feliz em participar com vocês hoje, eu vou acompanhar em silêncio e só ficar anotando tá!

Pesquisadora: antes da Telma trabalhar aqui a gente trabalhou juntas por 6 anos né Telma, e eu pedi a gentileza dela me acompanhar nesse último encontro porque eu não vou ficar escrevendo, eu quero dar atenção pra vocês e ela vai poder anotar tudo o que ela achar interessante pra depois a gente trocar, e ela também vai ajudar colocando o telefone dela pra gravar pois se o meu der problema eu não perco nenhuma fala de vocês ok?

Pesquisadora: vou pedir a gentileza que vocês escrevam os nomes e colem na altura do peito, pra que eu possa chamar vocês pelo nome, assim como eu fiz com o meu, assim fica mais fácil pra gente se comunicar. Tudo bem?

Pesquisadora: pessoal, podemos ir conversando enquanto vocês estão escrevendo os nomes e colando... queria muito que vocês focassem nas perguntas que eu tenho pra vocês. Vou voltar a dizer, não tem certo ou errado, não tô aqui pra falar pra vocês o que é certo o que é errado, eu tô aqui pra ouvir a opinião de vocês, como uma pessoa curiosa, uma pesquisadora que quer conhecer um pouco mais de como está a relação de família de vocês, dos adolescentes de hoje, essa é a intenção tá?

Pesquisadora: vocês lembram do que a gente conversou semana passada?... que eu expliquei os temas que eu ia trazer no nosso último encontro, os temas da minha pesquisa ...alguém lembra dos temas?

Eu lembro tia...tinha a ver com família né?

Pesquisadora: isso mesmo, muito bom... e também tem a ver com tecnologia, eu quero entender o que acontece hoje nas famílias dos adolescentes, o que que acontece dentro da casa dos adolescentes e o que que essa internet que tem hoje que todos vocês têm acesso no celular, no computador, até na televisão hoje tem internet né, tá influenciando nisso, em como as famílias estão se comportando, o que que mudou.

Pesquisadora: quando eu tinha a idade de vocês, quando os pais de vocês tinham a idade de vocês as coisas eram diferentes certo? Vocês têm noção disso? É claro pra vocês isso? Que como os pais de vocês foram criados, os avós de vocês foram criados é diferente da forma que vocês estão sendo criados hoje, e que possivelmente será diferente da forma que vocês vão criar os filhos de vocês...o que interessante! Vocês são de uma geração que se comporta diferente das anteriores, uma mudança radical que ocorreu por conta do acesso à tecnologia hoje.

Pesquisadora: é interessante a gente conhecer o que está acontecendo, o que está diferente pro bem e pro mal, porque toda mudança, quase tudo na vida tem os dois lados certo? Então vamos lá gente... o que que vocês entendem de relação de família?

O que é família para vocês? O que vocês entendem por relações de família?

As pessoas que amo

As pessoas que tenho convívio

Aqueles que a gente respeita

As pessoas que fazem tudo pra me ver feliz

As pessoas que eu sinto saudade

Também acho, as pessoas que sinto saudade

Depende tipo, as pessoas que são próximas de você, que respeita a gente, pessoas que convivo muito, tipo eu tenho amigos que considero família

Então tipo assim, a Giovana não tem família...hahahahaha

Tenho sim tá, são pessoas que amo e não precisa ser só da família

Tipo eu tenho amigos que considero família

Essa sala, minha segunda família assim, eu considero muito

Pesquisadora: isso é interessante, vocês estão falando pra mim quem vocês consideram família...lembra que eu expliquei pra vocês...relacionamento é a maneira que a gente interage, a forma que a gente se comunica também com o outro. Tudo é comunicação, não é só o que a gente fala né, quando eu vejo a cor vermelho as vezes eu lembro de sangue por exemplo, eu posso pensar em morango... a cor vermelha não fala, não anda e ela se comunica com a gente não comunica?

Eu lembro de amor!

Pesquisadora: perfeito, tudo comunica...o cabelo que eu escolho pra usar, a cor do tênis, a borrachinha do aparelho comunica algo não comunica?... tudo aquilo que passa informação.

Pesquisadora: como que vocês se comunicam na casa de vocês? Tem casa que pessoas são mais quietas não são, em outras conversam bastante? ... e na casa em que todos são surdos ou mudos eles também se comunicam de alguma forma...o que me interessa é como vocês se comunicam na casa de vocês certo? O gesto comunica muito...

Pesquisadora: eu quero saber como vocês se relacionam na casa de vocês, como se comunicam quando estão dentro de casa ou próximo à família de vocês...

Como vocês se comunicam na casa de vocês?

Ontem eu joguei bola com meu irmão, depois a gente chegou em casa e meu pai fez comida pra gente... essa é uma comunicação em casa.

Na minha casa é normal, não tem ninguém quieto e ninguém nem fala muito alto, atropelando assim, todo mundo respeita o momento de eu falar

Na minha casa é assim...meu padrasto ele trabalha, quando ele chega do serviço assim, a gente fica sentado no sofá todo mundo, minha mãe eu e ele, meu padrasto a gente é muito grudado assim, meu padrasto tá deitado e eu fico com ele deitada no colo dele, tem muito carinho que a gente tem... eu fico lá quase dormindo e a gente fica muito junto... todos os dias tem essa comunicação entre a gente.

Tipo quando eu vou dormir, minha mãe e meu pai toda noite vêm no meu quarto, eles não falam nada, eles vêm entram, me dão um beijo na testa e saem do quarto, daí é comunicação

Quando eu vou dormir meu pai vem e faz o sinal da cruz ... é uma comunicação.

Pesquisadora: o que que vocês acham que ele quer passar quando ele faz isso?... quer que você tenha fé né, acredite em algo assim como ele.

Meus pais me beijam quando vou dormir

O beijo dos meus pais quando vou dormir

Na opinião de vocês, as relações familiares que vocês têm em casa são na maioria das vezes positiva ou negativa?

Positiva

Que tipo de tecnologia vocês mais acessam? O que vocês têm acessado hoje de mídias sociais?

Pesquisadora: pra quem não se lembra vou explicar novamente o que são mídias sociais... são todas as formas de interagir pela internet, onde vocês se comunicam com as pessoas que conhecem e até com quem não conhecem pessoalmente certo? Pelas mídias sociais e pela internet vocês podem conversar com quem mora no Japão por exemplo... na minha época a gente interagia pessoalmente ou por carta... eu mandava carta pros meus amigos que moravam longe...nossa diversão era de outra forma... brincava com os amigos na rua e não tinha muita oportunidade de se comunicar com quem estava longe.

Eu acesso o Youtube tia, o WhatsApp, Instagram

Todo mundo acessa o youtube

O WhatsApp, Instagram

Acessam o youtube 100% dos participantes

WhatsApp 100% dos participantes

Instagram 100% dos participantes

Uma vez por dia pelo menos eu acesso

Eu fico quase o dia inteiro na internet, quanto não tô na escola tô na internet

O tempo inteiro tia, em casa é toda hora na internet

Quando vocês acessam o youtube, vocês são supervisionados? Quando estão no youtube, algum responsável por vocês vem olhar o que estão acessando?

Não

Não

Não

Não

Às vezes minha mãe olha

Não

Não

Não

Não

Só de vez em quando ela quer saber o que eu acesso

Não

Não

Não

Não

Não

Não

Não

Vocês têm 100% de liberdade para acessar vídeos no youtube?

Não, minha mãe fica vigiando depois

Minha mãe deixa lá e eu assisto o que quiser

Eu assisto tudo o que quero tia

Tenho

Tenho sim tia

Vejo o que eu quero

Quem de vocês acessa vídeos que não contaria para os pais?

Não, tudo que eu vejo o meu pai sabe

Eu assisto Massafera que fala besteira e palavrão

A minha mãe um dia me viu vendo um vídeo do Winderson Nunes (youtuber), ele fala muita porcaria, minha mãe até achou engraçado e viu comigo o vídeo de palavrão.

Minha mãe não liga, ela gosta do Winderson.

Os Vídeos que vocês acessam na internet, na opinião de vocês, têm alguma influência em como vocês se comunicam dentro da casa de vocês?

Não

Não

Não

Não

Não

Não

Não

Não

Não
 Não
 Não
 Não
 Não
 Não
 Não
 Não
 Não

Se o vídeo causa em você algum incômodo, vocês compartilham com os pais?

Há não...
 Não né tia
 Mostro quando é muito legal assim, ou se for muito triste eu mostro...
 Quando eu choro eu mostro...
 Não mostro não

As pessoas que moram na casa de vocês também têm acesso à internet pelo celular?

Sim
 Tem tia
 Sim
 Sim
 Sim
 Sim
 Sim
 Sim
 Sim
 Tem sim, toda hora
 Sim
 Tem acesso sim
 Sim
 Sim
 Sim
 Tem
 O celular do meu pai está um lixo
 Tem sim

Vocês se comunicam bastante em casa, conversam bastante ou a maioria das pessoas fica mais tempo conectada em algum aparelho com internet?

Depende, tem hora que minha mãe está no celular e eu também e tem hora que as duas ficam conversando...a maioria do tempo conversando
 Em casa a gente conversa e fica no celular com mesmo tempo...a gente fala e olha pra tela
 Eu converso bastante com meu pai
 Quando eu vou conversar com meu pai assunto interessante eu largo o celular, mas toda hora assim eu falo olhando pra tela

Só que assim, minha mãe fala muito.... ela quer conversar o tempo todo, acho que mulher tem isso, sente muita falta...meus irmãos mudaram e acho que ela sente falta e quer conversar mais

Ela fala que não dou atenção mas eu dou...não eu paro de digitar

Quando o assunto é interessante eu paro

A minha mãe fica o dia inteiro assistindo, mas aí tem dia que ela não assiste e ela sai... a gente conversa mais quando meu pai vem de noite pra casa, aí senta todo mundo na mesa e a gente conversa bastante.

Mais jogo on-line

Mais computador, em casa fica mais no computador

Fica no celular, mas conversa também... mais conversa...na verdade meu irmão é mais novo do que eu e ele mexe mais do que eu, tipo a gente não larga o celular pra ficar conversando o dia inteiro

Na minha casa só eu converso, meu irmão fica no computador o dia inteiro

Na minha casa a gente só conversa quando meu padrasto tá, vai tomar café a gente senta e minha mãe pergunta como foi seu dia na escola, é bem legal, se divertiu bastante com seus amigos, a gente pergunta como foi o dia de cada um

Quando a gente janta a gente fala... é o horário que eu vejo eles.

O pai dela anda de skate dahora!

Meu pai e minha mãe ficam o dia todo fora, a gente conversa à noite

A conversa diária com os pais é importante pra vocês? Estar em contato diário com eles faz falta pra vocês?

Sim

Olhar olho no olho? Sim... acho importante

Acho mais importante pra minha mãe do que pra mim

Acho mais pra mim, do que pra minha mãe, tipo assim minha mãe já viveu a vida, tipo assim eu tenho mais a aprender com ela, do que ela tá me passando, do que ela comigo

Faz falta, o celular ajuda, mais é que as vezes você não consegue falar com a pessoa, aí você tem o celular que pelo menos lá você consegue ...

Se tem mais contato com a mãe pessoalmente é melhor né...

Prefiro estar com ela que pelo telefone

Acho muito importante tia

Importante sim

É importante

Alguém aqui já perdeu pai ou mãe?

Não... só minha irmãzinha (ela ficou doente e faleceu) eu fiquei muito mal mas a galera aqui da escola ficou do meu lado e eu consegui superar a dor, meu amigo cadeirante foi no velório dar uma força... eu tentava ser forte pela minha mãe mas foi difícil viu, eu não consegui pegar ela no colo...tudo o que eu mais precisava era do apoio deles...agradeço a Deus por ter amigos incríveis como eles...

Meu pai é vivo, mas não mora com a gente

Não

Não

Não

Não

Não
 Não tia
 Nunca morreu ninguém próximo
 Não
 Não
 Não
 Não
 Não
 Não
 Não

Existem pessoas que não moram com vocês, mas vocês consideram família?

Amigos do futebol
 Poucos amigos
 Amigos mais próximos
 Tenho uma amiga que considero irmã já, as vezes eu nem tô em casa e ela tá lá já
 Tem amiga da minha mãe que considero tia minha, não tem nenhuma ligação comigo que me chama de sobrinha
 Amigas minhas que considero muito amiga desde criança
 Conheço amigo de tanto tempo que é irmão já

Vocês pensam em formar famílias como a que vocês têm hoje?

Sim
 Há não sei
 Hoje não é, mas a do futuro eu sonho...
 Família como minha mãe, meu pai, filhos... hum não sei, talvez eu queira viver sozinha
 Matheus: talvez, acho que sim.... bem mais velho sim
 Eu vou querer ter uma família
 Eu também
 Talvez, porque é muita responsabilidade, tem que trocar fralda, dar banho, briga com a mulher, a gente quer jogar bola com os amigos e a mulher te chama pra ir no casamento das amigas...há sei lá, essas coisas aí.
 Acho que sim, ainda não tenho certeza.
 Eu quero, e eu já tô fazendo plano pro futuro...quando eu ficar mais velha que quero adotar uma criança, porque acho mais bonito.

Vocês pretendem educar os filhos de vocês, igual vocês foram educados?

Não
 Não sei nem se quero ter filho, mas se tiver vou criar como minha mãe me criou.
 Não sei, acho que vou pegar o que pai me criou e vou fazer melhor
 Eu vejo que meus pais, eles falam que deu muita coisa que não tiveram, porque eles sabem... sei lá, eles fazem muita coisa porque isso agrada eles, num sei...tem coisa que eu vou pegar e vai servir para eu não fazer! É uma coisa boa pra mim, até prefiro que tenha isso porque tipo assim, eu poderia errar com meu filho

Criar na mesma base que meus pais me criaram mais algumas coisas acho que deveria mudar

Vou mudar algumas coisas, assim, vou deixar mais liberal....Pai, eu posso comprar aquele Iphone 7 lá... pode comprar filho, pega o cartão.

Há com coisas básicas também, posso sair... pode claro filho!

Eu acho que sim, só que a cada geração vai mudando alguma coisa, porque tipo eu não fui criada do mesmo jeito que minha mãe, a base é igual só que vai aumentando, cada vez tem que evoluir, não pode andar pra trás.

Acho que sim, não sei.

Eu também vou criar do jeito que minha mãe me criou, mas vou mudar algumas coisas

Se você hoje tiver que escolher entre ter acesso ilimitado à tecnologia (internet) ou ter o convívio com a família, o que você escolheria?

Família

Prefiro minha família

Gosto dos dois mais prefiro minha família

Família

Família

Família

Jogos on-line

Mas aí não pode ter a família como amigos?

Se você puder definir a sua família hoje, em uma palavra, qual seria a palavra que melhor definiria sua casa hoje?

Turbulência

Brincadeira

Brincadeira

Fera

Saudade

Confiança

Amor

Amor

Honestidade

Otimismo

Verdade

Engraçada

Pesquisadora: bem nosso tempo infelizmente acabou e eu preciso liberar vocês pra voltarem pra sala... quero agradecer muito a participação de cada um desses três encontros e dizer que foi um prazer imenso conhecer cada um de vocês... vocês foram muito importantes pra minha pesquisa e tudo o que falamos aqui vai ficar registrado pra sempre!

Pesquisadora: eu trouxe uma lembrancinha pra vocês como agradecimento pela participação de cada um!

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES, NA ÓTICA DE ADOLESCENTES”**. Sob a responsabilidade da pesquisadora **FLÁVIA LEME DE SIQUEIRA**. Nesta pesquisa pretendemos **“Identificar a percepção de adolescentes no que diz respeito às suas relações familiares e o quanto as mídias sociais podem ter influência nesta percepção”**. A participação dele é voluntária e se dará por meio da **“TÉCNICA DE GRUPO FOCAL e QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO”**. Esta pesquisa apresenta risco mínimo (ou risco maior que o mínimo, se for o caso, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc.). Apesar disso, o menor tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, de responsabilidade da pesquisadora responsável. Se ele aceitar participar estará contribuindo voluntariamente para a ciência em nosso país. Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelos telefones (11) 96060-9794 ou (13) 98128-6934 (WhatsApp) obs. Inclusive

ligações a cobrar ou pelo e-mail (flavialemedesiqueira@gmail.com). Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

FLÁVIA LEME DE SIQUEIRA

Consentimento Pós-informação

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do (a) Responsável

ANEXO B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do menor entre 12 a 17 anos)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES, SOB A ÓTICA DE ADOLESCENTES”**. Nesta pesquisa pretendemos **“Identificar a percepção de adolescentes, no que diz respeito às suas relações familiares e o quanto as mídias sociais podem ter influência nesta percepção”**, sob a responsabilidade da pesquisadora **FLÁVIA LEME DE SIQUEIRA**.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da **“TÉCNICA DE GRUPO FOCAL”** através de encontros presenciais e em grupo. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, possibilitando reflexão sobre o assunto abordado. Se você aceitar participar estará contribuindo de maneira significativa à ciência de nosso país.

Para participar desta pesquisa o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo

que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (11) 96060-9794 ou WhatsApp (13) 98128-6934 (Inclusive ligações a cobrar), e-mail flavialemedesiqueira@gmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

FLÁVIA LEME DE SIQUEIRA

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) menor

ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A influência das mídias sociais nas relações familiares, sob a ótica de adolescentes

Pesquisador: FLAVIA LEME DE SIQUEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 75046317.3.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.286.241

Apresentação do Projeto:

O presente estudo será realizado através de investigação da influência das mídias sociais nas relações familiares, na ótica de adolescentes.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar a percepção de adolescentes, no que diz respeito às suas relações familiares e o quanto as mídias sociais podem ter influência nesta percepção.

Objetivo Secundário:

Compreender o que adolescentes entendem por relações de família, no contexto histórico atual;- Investigar se a proximidade com as mídias sociais tem influência nesta percepção;- Identificar quais modelos familiares encontram-se entre estes adolescentes;- Caracterizar os sujeitos da pesquisa sob o ponto de vista socioeconômico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atende as recomendações da Resolução 510/16.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Fornecer reflexão aos pais e futuros pesquisadores, do quanto a proximidade com as mídias sociais podem estar influenciando a percepção dos adolescentes em relação às famílias e suas

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATÉ
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.260.241

relação internas

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentar Termo Assentimento dos adolescente, independente o TCLE dos pais e/ou responsáveis.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Falta Termo de Assentimento, ver modelo site CEP-UNITAU.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 15/09/2017, analisou o Projeto de Pesquisa acima apresentado, para a aprovação é necessário adequá-lo de acordo com as solicitações apresentadas no parecer do Colegiado. A emissão do parecer final dependerá do atendimento das pendências por parte do Pesquisador Responsável pelo projeto de pesquisa. O não atendimento das pendências em 30 dias configurará desistência da parte do pesquisador da realização do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_972718.pdf	31/08/2017 16:39:43		Aceito
Cronograma	Cronograma.doc	31/08/2017 16:39:18	FLAVIA LEME DE SIQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	31/08/2017 16:15:54	FLAVIA LEME DE SIQUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoflavia.pdf	05/08/2017 11:32:45	FLAVIA LEME DE SIQUEIRA	Aceito
Outros	termodeautorizacao.pdf	05/08/2017 11:28:58	FLAVIA LEME DE SIQUEIRA	Aceito
Outros	oficio.pdf	05/08/2017 11:28:27	FLAVIA LEME DE SIQUEIRA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	05/08/2017 11:26:43	FLAVIA LEME DE SIQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoSeminar1versao29julho.doc	05/08/2017 11:21:06	FLAVIA LEME DE SIQUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.266.241

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

TAUBATÉ, 20 de Setembro de 2017

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATÉ
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br